



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**JOANNY DANIELE DO LAGO COSTA**

**O ESTILO DOS AUTORES DE TEXTOS JORNALÍSTICOS E O  
OLHAR CRÍTICO DO REVISOR**

Brasília  
2012

**JOANNY DANIELE DO LAGO COSTA**

**O ESTILO DOS AUTORES DE TEXTOS JORNALÍSTICOS E O  
OLHAR CRÍTICO DO REVISOR**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: gramática, linguagem e construção/ reconstrução do significado/ língua portuguesa.

Orientadora: Prof. Dr. Francisca Cordelia Oliveira da Silva

Brasília  
2012

**JOANNY DANIELE DO LAGO COSTA**

**O ESTILO DOS AUTORES DE TEXTOS JORNALÍSTICOS E O  
OLHAR CRÍTICO DO REVISOR**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: gramática, linguagem e construção/ reconstrução do significado/ língua portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Francisca Cordelia  
Oliveira da Silva

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Nome completo

---

Prof. Dr. Nome completo



A todos que por ventura utilizarem a presente pesquisa  
para aprender ou para compartilhar conhecimentos.  
Aos graduados do curso de Letras, os quais são eternos  
amantes da maravilhosa Língua Portuguesa.

## **AGRADECIMENTO(S)**

A Deus, por me proporcionar uma vida cheia de surpresas boas e de aprendizados significativos;

A minha família, que compartilhou comigo mais este passo de vitória;

Ao meu querido noivo, que esteve ao meu lado me dando força e apoio;

Por sua presteza e paciência, a minha orientadora, professora doutora Francisca Cordelia, que esteve sempre disposta a oferecer a ajuda necessária para a conclusão deste trabalho científico.

“Escrever é um ato que exige empenho e trabalho  
e não um fenômeno espontâneo”  
(Lucília Garcez)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o estilo dos autores de textos jornalísticos, além de descrever a relação entre o estilo do autor e o do revisor, identificar qual é o estilo que deve predominar no texto e pesquisar se construções em desacordo com a gramática são aceitas como parte do estilo ou são alteradas pelo revisor de texto. Esta pesquisa busca, também, compreender os diferentes estilos textuais jornalísticos de acordo com a estrutura linguística da Língua Portuguesa. Textos de jornais impressos diários gratuitos e pagos foram utilizados para analisar o estilo dos autores e mostrar até que ponto o revisor pode interferir no estilo, inclusive em construções em desacordo com o padrão linguístico. Os resultados alcançados permitiram compreender que quando o autor escolhe uma construção textual é uma questão de estilo, porém, se essa construção não agrada ao revisor, ele não pode alterar, pois não cabe ao revisor modificar uma parte do texto apenas porque não lhe agrada.

**Palavras-chave:** Estilo, Texto jornalístico, Língua Portuguesa, Padrão linguístico, Revisão.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the author's style of journalistic texts, and describe the relationship about the style of the author and the reviewer, identify which is the style that should prevail in the text and search if disagreement buildings with grammar are accepted as part of the style or need to be changed by the statutory text. This research also seeks to understand the different styles of journalistic text according to the grammar rulers of Portuguese. Texts of free daily newspapers and paid were used to analyze the author's style and show to what extent the reviewer can interfere in style, including constructions in violation of the rules of grammar. The results obtained allow us to understand that when the author chooses a textual construction, among several standard accepted by default, is a matter of style, but if that does not appeal to the statutory construction, he must not change because it is not up to the reviewer to modify a part of the text just because he do not like.

**Key words:** Style, Journalistic text, Portuguese, Grammar rulers, Revision.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>1 O ESTILO TEXTUAL</b>	12
<b>1.1 As escolhas sintáticas que caracterizam o estilo</b>	13
1.1.1 <i>Processos sintáticos</i>	15
<b>1.2 O papel do autor, do editor e do revisor</b>	17
<b>1.3 A revisão e a manutenção do estilo</b>	21
<b>2 O TEXTO JORNALÍSTICO</b>	24
<b>2.1 O perfil do autor/ revisor jornalístico</b>	26
<b>2.2 As marcas do texto jornalístico</b>	29
<b>3 ANÁLISE DOS TEXTOS DE JORNAIS DIÁRIOS</b>	33
<b>3.1 As escolhas sintáticas que prevalecem</b>	33
<b>3.2 A linguagem formal e informal nos jornais diários</b>	39
<b>CONCLUSÃO</b>	41
<b>REFERÊNCIAS</b>	42
<b>ANEXOS</b>	44

## INTRODUÇÃO

Existem textos de infinitos estilos, por isso o autor escolhe, entre os disponíveis, aquele estilo com que melhor se identifica. Ao contar uma história, por exemplo, cada pessoa tem o seu jeito de reproduzi-la, pois cada um terá uma visão individual sobre o assunto e abordará a história enfatizando a parte que mais lhe chamou atenção, assim percebe-se que a linguagem pode ser recriada em cada enunciado.

O revisor de textos pode exercer papel fundamental na manutenção de estilo do autor, pois é o revisor quem analisa se o texto está de acordo com as normas gramaticais e, ainda, adéqua as ideias e a linguagem de acordo com o público que vai prestigiá-lo. Mas é preciso que o revisor seja cuidadoso ao realizar esse papel, ele deve estar ciente de que suas alterações deverão ser feitas quando forem necessárias para a clareza do texto e não para a criação de um estilo diferente do estilo do autor.

A presente pesquisa analisa o estilo textual de autores de textos jornalísticos, tendo como base aspectos gramaticais, e mostra o olhar crítico do revisor sobre esses textos, buscando manter a identidade do autor.

Esta pesquisa busca compreender os diferentes estilos textuais jornalísticos de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa. Para tanto, é preciso que se reflita sobre alguns pontos a serem analisados: Qual é a relação textual entre o estilo do autor e o do revisor? É possível que o autor e o revisor tenham o mesmo estilo? Se não, qual dos estilos deve prevalecer no texto? Em se tratando de estilo, e não de regras gramaticais, o revisor pode alterar o texto do autor?

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o estilo do autor de textos jornalísticos; e como objetivos específicos: descrever a relação entre o estilo do autor e o do revisor; mostrar qual o estilo deve predominar no texto; e pesquisar se construções em desacordo com a gramática são aceitas como parte do estilo ou se são alteradas pelo revisor de texto.

Do ponto de vista social, este estudo mostra que é importante a escrita de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa e os escritores não devem ter receio de escolher entre as várias opções de estruturas sintáticas apresentadas pela Língua Portuguesa. Além disso, eles devem adequar o seu estilo e sua linguagem ao público leitor.

O interesse pelo tema deste trabalho acadêmico surgiu da necessidade de entender a identidade textual de cada autor, propondo um trabalho harmônico entre o autor e o revisor de texto. Esse tema surgiu, também, da curiosidade sobre a autoridade do revisor sobre textos que não são de sua autoria, e como esse papel deve ser cuidadoso para não apagar as marcar identitárias do autor.

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos: o primeiro conceitua o estilo textual em diferentes aspectos, descrevendo alguns tipos de aspectos estilísticos a serem analisados nos textos recolhidos, mostrando a importância da revisão de texto e da manutenção do estilo do autor; o segundo trata do texto jornalístico, mostrando o estilo do autor/ revisor jornalístico; e o terceiro capítulo analisa os estilos dos textos coletados e mostra suas principais características.

Além da pesquisa de autores especialistas para embasamento de conceitos e discussões aqui apresentados, serão analisados textos de jornais impressos diários gratuitos e pagos para analisar o estilo dos autores e mostrar até que ponto o revisor pode interferir no estilo do autor, inclusive em construções em desacordo com as regras gramaticais. A atenção, aqui, será dada a textos não literários, portanto, não abordaremos questão da licença poética.

Como fontes de pesquisa, foram utilizados os autores: Câmara Junior (2004), Cunha & Cintra (2008), Dejavite & Martins (2006), Faraco & Tezza (2003), Garcia (1976), Lage (2003), Luft (1999), Martins (2000), Monteiro (1991), Noblat (2002), Perini (2001), Pinto (1993), Ribeiro (2007 e 2009), Salgado (2008), Silva (2011) e Yamazaki (2007), além do Manual de redação e estilo O globo (1998).

Este trabalho pretende mostrar como resultado que quando o autor escolhe uma construção textual, entre várias aceitas pela norma padrão, é uma questão de estilo, porém, se essa construção não agrada ao revisor, ele não pode alterá-la, pois não lhe cabe gostar ou não das escolhas do autor. Não cabe ao

revisor modificar uma parte do texto apenas porque não lhe agrada, ou porque não faz parte do seu estilo, pois, como afirma Monteiro (1991): "... todo julgamento de valor deve ser visto com alguma cautela...", assim, o texto só deve ser alterado pelo revisor se estiver em desacordo com a gramática, ou se não estiver adequado ao público alvo, ou se não tiver clareza.

## 1 O ESTILO TEXTUAL

Existem textos de variados estilos, o autor escolhe aquele com que melhor se identifica. Se houvesse a proposta, por exemplo, de dez pessoas escreverem a mesma história, cada uma escreveria de uma forma, destacando pontos que para ela seriam essenciais, assim percebe-se que a linguagem pode ser recriada em cada enunciado.

Câmara Junior (2004, p. 13) afirma que: “O estilo é a definição de uma personalidade em termos linguísticos.” O estilo é visto como uma marca única de um texto. Monteiro (1991, p. 10) completa a ideia, afirmando que “Pode-se falar do estilo de uma língua, definido como um repertório de propriedades ou procedimentos expressivos observáveis em quaisquer de seus níveis estruturais.” Assim, compreende-se que o estilo é desenvolvido por cada autor como uma personalidade do texto.

Garcia (1976, p. 94) concorda com os autores acima, conceituando o estilo da seguinte forma: “Estilo é tudo aquilo que individualiza obra citada pelo homem, como resultado de um esforço mental, de uma elaboração do espírito, traduzido em ideias, imagens ou formas concretas”.

Nils Erik Enkvist (*apud* MARTINS, 2000, p.1) divide as definições de estilo da seguinte forma:

- 1) estilo como adição, envoltório do pensamento; 2) estilo como escolha entre alternativas de expressão; 3) estilo como conjunto de características individuais; 4) estilo como desvio da norma; 5) estilo como conjunto de características coletivas (estilos de época); 6) estilo como resultado de relações entre entidades linguísticas formuláveis em termos de textos mais extensos que o período.

O autor amplia o conceito de estilo, possibilitando vários aspectos, como o de adicionar ideias, o de escolher a melhor alternativa a ser usada; o de caracterizar o texto de acordo com o autor; o de se desviar da norma padrão; o de caracterizar coletivamente conforme a época; e o de formular o texto com períodos de diversos tamanhos.

Compreende-se que o estilo é uma marca individual do texto, é sua identidade, e ele deve ser adequado ao tipo de texto, mesmo seguindo ou não as regras prescritas pela gramática da língua. Monteiro (1991, p. 48) complementa, ainda, da seguinte forma:

A escolha estilística se efetua em dois níveis: no eixo da seleção, em que se deve optar por uma unidade com exclusão de inúmeras outras; no eixo da combinação, em que se decide por um tipo de construção ou de arranjo, no sentido de estabelecer relações precisas entre as unidades lexicais.

Com as considerações de Monteiro (1991), percebe-se que, ao se fazer uma escolha de elementos constitutivos da língua para compor um texto, muitos outros são excluídos, e, dependendo do que se quer expor, as construções textuais surgem como estruturas fundamentais para estabelecer ordem e relações precisas entre os argumentos utilizados.

### **1.1 As escolhas sintáticas que caracterizam o estilo**

Ao se construir um texto oral e/ ou escrito, é possível perceber traços de estilo em vários elementos: morfológicos, semânticos, sintáticos, entre outros. Nesta pesquisa, os traços de estilo a serem analisados serão o do campo sintático. Nesse sentido, Câmara Junior (2004, p. 64), diz que, no estilo,

O sistema de ordenação dos elementos linguísticos na frase, ou sintaxe, é muito menos cerrado do que o das formas e o dos sons, pelo menos numa língua como a nossa. As possibilidades de escolha são aí inúmeras, pois o princípio intelectualivo diretor só se fixa realmente nuns poucos pontos essenciais.

Com as contribuições feitas acima por Câmara Junior, sobre os elementos linguísticos, compreende-se que o autor tem liberdade para escolher o estilo que cabe melhor no texto, utilizando construções possíveis, disponíveis na estrutura da língua. Entende-se, por isso, que a sintaxe é muito ampla, e que ela aceita muitas estruturas, inclusive algumas que não estão de acordo com a norma padrão. As escolhas serão motivadas pelo contexto em que se usa a língua e pelas características dos seus ouvintes ou leitores.

Martins (2000, p. 129) relata que: “Na sintaxe, quem fala ou escreve escolhe entre os tipos de frase, obedecendo a um número mais ou menos restrito de regras rígidas.” Compreende-se que, ao escolher uma opção aceita pela gramática, está se respeitando as normas, e, assim, mesmo que o estilo seja uma marca individual, está entre as opções dadas pela gramática.

Câmara Junior (2004, p. 64) afirma, ainda, que há relações sintáticas a serem seguidas: há a relação *necessária* em contraste com a *livre*; e a relação *cerrada* em contraste com a *solta*. Câmara Junior (2004, p. 64) explica os conceitos exemplificando:

Assim, em português, a concordância do adjetivo com o substantivo é uma relação necessária, mas ao mesmo tempo solta, pois o adjetivo pode referir-se a mais de um substantivo e colocar-se antes ou depois, longe ou próximo dele. Ao contrário, a relação entre a preposição e o nome regido é cerrada. Já o emprego dos tempos verbais é muitas vezes uma relação livre; hajam vista o do presente como futuro, o presente histórico, o pretérito imperfeito em lugar do perfeito.

Com as considerações de Câmara Junior, percebe-se que, nesse caso, não cabe ao autor do texto verificar o que se adéqua melhor, e, para isso, ele deve levar em consideração as opções disponíveis na estrutura da língua. Nesse sentido, na falta de uma estrutura linguística adequada, o revisor de textos poderia alterá-la para uma que esteja de acordo com a estrutura da língua.

Monteiro (1991, p. 162) explica o estilo gramatical da seguinte forma:

(...) há um padrão linguístico a ser observado. Se alguém deseja escrever, deve seguir essa norma, a mesma de que se utilizam os bons autores. Existem regras de organização frasal que precisam ser respeitadas, para que o texto possa ser considerado correto. Em linhas gerais, são regras de concordância, de regência ou de colocação.

Antes de escolher um estilo para escrever, o autor tem de estar atento ao padrão linguístico, pois estilos em desacordo com esse padrão, em textos não literários, podem ser considerados desvios. No caso da existência dessas estruturas, o revisor de textos também poderia alterá-las, por isso o revisor deve estar atento para essas ocorrências, ele deve conhecer ao máximo os padrões linguísticos a serem analisados.

Além de estar atento ao padrão linguístico do texto, o autor deve prestar atenção na clareza da mensagem passada. Luft (1999, p. 17) afirma: “Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. (...) Às vezes é preciso sacrificar uma correção preconceituosa em benefício da clareza.” Luft defende a ideia de que não adianta ter um texto legível, mas não claro. E Luft (1999, p.18) completa, sobre a gramática:

Saber, de forma consciente, explícita, as regras de funcionamento desse meio não é indispensável: a imensa maioria dos falantes as ignora totalmente, e até os estudiosos apenas sabem uma parcela ínfima. (...)

Importante é se habilitar a falar claro, escrever claro, de modo eficiente, utilizar com desembaraço e prazer seu bem pessoal mais íntimo: a língua. Isso é o que importa estudar, praticar, desenvolver; não as regras da Gramática.

Luft concorda com a teoria de que não é preciso saber todas as regras gramaticais, pois se usamos a língua, como falantes, já sabemos inconscientemente tais regras. Ele ainda relata que “A boa comunicação verbal nada tem a ver com a memorização de regras de linguagem” (LUFT, 1999, p. 19).

O autor defende a ideia de que cada falante tem sua gramática natural da língua. Ele diz que “O talento de bem falar e escrever tem a ver, sim, tem tudo a ver com a gramática. Mas com a gramática natural, o sistema de regras que os falantes internalizam ouvindo e falando” (LUFT, 1999, p. 19).

Além das considerações feitas anteriormente, dentre as escolhas sintáticas que caracterizam o estilo estão os processos sintáticos, aqui apresentados como períodos compostos utilizados para enriquecer o texto com ideias interligadas ou paralelas entre si.

### 1.1.1 *Processos sintáticos*

A língua portuguesa nos oferece diversas formas de escrever. Para uma escrita mais elaborada, utilizam-se os períodos compostos. Garcia (1976, p. 14) apresenta alguns métodos utilizados para a formação e conceituação de períodos compostos<sup>1</sup>.

O autor fala primeiro da coordenação e subordinação, caracterizando-os como processo de encadeamento e hierarquização.

Na coordenação, as orações devem ter a mesma natureza gramatical, elas se ligam por conjunções coordenativas. Esse processo é chamado de encadeamento de ideias.

Já na subordinação, há desigualdade de funções e de valores sintáticos, as orações são dependentes umas das outras, tanto no sentido quanto na sintaxe. Esse processo é chamado de hierarquização.

---

<sup>1</sup> As definições apresentadas foram retiradas da obra de Garcia (1976, p. 14 a 23) e aqui estão em forma de paráfrase.

Há ainda p processo de falsa coordenação: coordenação gramatical e subordinação psicológica

Na coordenação, há mais dependência semântica que sintática, o sentido de um enunciado se dá com o outro, como se pode ver no exemplo extraído de Gracia (1976, p. 20):

- (1) Não fui à festa do seu aniversário: não me convidaram.

No exemplo, acima, é possível perceber que o período é composto por coordenação, porém as orações não gozam de autonomia de sentido. Garcia (1976, p. 20) explica que a relação de dependência dessas orações pode ser vista como: “a) explicação ou causa: Não fui à festa do seu aniversário porque (pois) não me convidaram.”

Outros casos de falsa coordenação ocorrem com as orações conhecidas como assindéticas, geralmente, separadas por vírgulas. Garcia (1976, p. 21) traz os seguintes exemplos:

- (2) Como o dia estava (ou estivesse) muito quente, eu fiquei logo exausto.
- (3) Fiquei logo exausto porque o dia estava muito quente

Garcia (1976) relata que, nesse caso, existe coordenação quanto à forma, não quanto ao sentido, a independência é sintática, mas não semântica ou psicológica.

Ao tratar da relação entre coordenação e ênfase, o autor aponta que, na coordenação, o paralelismo e os valores sintáticos são mais limitados que na subordinação. Na coordenação, não é absoluta a regra de que a ideia principal deve estar na oração principal, em virtude da ocorrência de outros recursos relevantes, para dar ênfase, por exemplo.

A escolha entre orações coordenadas ou subordinadas dependerá do autor. E mesmo que ele escolha, por exemplo, a falsa coordenação, o seu texto deve ser claro, deve-se identificar a intenção de se usar uma falsa coordenação, pois esses recursos enriquecem o texto quando são conhecidos e bem utilizados pelo escritor, porém, se desconhecidos e, mesmo assim, colocados pelo autor, podem se transformar em desvios gramaticais, e até mesmo mudar totalmente o conteúdo do texto.

Quando o autor optar por orações coordenadas, ele deixará os seus períodos independentes e quando ele escolhe períodos compostos, orações subordinadas, as ideias ficam interligadas, dependentes entre si.

Além das escolhas sintáticas, tem-se, ainda, um tema bastante relevante que será tratado no item a seguir: a função do autor, do editor e do revisor. É importante que se compreenda o trabalho desses profissionais, pois ao encontrar um texto finalizado, não imaginamos por quantas mãos ele passou para ficar “impecável”.

## **1.2 O papel do autor, do editor e do revisor**

Tanto o autor, quanto o editor e o revisor são importantes na construção de um bom texto, cada um tem sua contribuição. Mas é preciso distinguir o trabalho deles para reconhecer a verdadeira importância do papel que eles desempenham.

O escritor é o protagonista do texto, é ele quem decide o que e como escrever, por isso ele deve estar atento aos mínimos detalhes, deve ter um olhar holístico sobre o seu texto, ele precisa também estar atento às estruturas linguísticas, assim como ter habilidades relacionadas à escrita. Luft (1999, p.19) relata que:

O escritor, o bom escritor, domina seu instrumento de trabalho, usa-o como respira – com desembaraço, naturalidade, segurança. Quando luta em busca de um texto melhor, cada vez mais perfeito e original, é porque persegue a palavra exata e mais expressiva, não por se debater com regras que eventualmente tenha aprendido na escola e esqueceu.

Escritor que se embaraça com regras gramaticais devia mudar de ofício: nem ao menos automatizou seu meio de expressão. É como um cirurgião que não soubesse usar o bisturi. Bisonho aprendiz, começou errado, porque lhe ensinaram que aprender a escrever bem era saber regras de cor, em vez de praticar lendo e escrevendo, escrevendo e lendo.

Mais que saber de cor as regras da gramática, Luft (1999) ressalta a importância de o autor praticar os seus ofícios: a leitura e a escrita, só assim ele adquire experiência para saber como usar a gramática em seus textos, então o revisor adequaria apenas os detalhes esquecidos pelo autor.

O autor é o primeiro revisor do texto, pois ele tem a liberdade de escrever e de revisar, analisando as falhas e corrigindo-as após várias releituras. Salgado (2008, p.527) diz que “a revisão de textos é um caminho de apropriação da

textualidade; reler ‘ativamente’ o próprio texto é que faz dele um texto próprio”. Silva (2011, p. 46) também contribui, afirmando que:

o processo de reformulação sinaliza o compromisso do sujeito-autor com sua própria condição. Isto porque tal sujeito só se reconhece como autor se aquilo que ele produz lhe aparece como algo de que se possa enunciar: “faz sentido publicar isso.”

Com as considerações feitas por Silva percebe-se que além de revisor, o autor é também o primeiro editor do texto, pois a ele cabe a preocupação com o entendimento do seu texto, e se ele está realmente pronto para ser publicado.

Salgado (2008, p.530) diz ainda que:

a alteridade que o editor de textos explicita, ao formular uma leitura que se vai registrando em anotações pontuais no corpo de um "original", não impõe ao autor um texto que não é seu, não o destitui de sua função nem de seus traços idiossincráticos, mas lhe oferece um percurso em seu próprio texto, deslocando sua primeira formulação. Com isso, joga luz sobre a condição dinâmica do texto, sobre a teia discursiva em que ele se amarra, sobre seu caráter de textualização, isto é, de trabalho em processo. A "leitura anotada" que o editor de textos faz propicia um distanciamento do autor em relação a seu texto-primeiro e, então, que ele possa ser um outro desse outro de si mostrado, amadurecendo a versão que irá a público.

Após a edição, em certos casos, o texto se transforma em outro totalmente diferente e, às vezes, o autor até desconhece algumas partes do seu próprio texto, pois o editor verifica se o texto está apto a ser publicado, e retira dele partes analisadas como desnecessárias para o contexto, por isso, o editor pode sim alterar o estilo do autor.

Yamazaki (2007, p.5) diz que além da tessitura, o texto deve ter uma adequação à publicação, por isso o editor tem de considerar o produto final do texto, levando em consideração as limitações e as necessidades dos leitores.

Mas, então, qual seria a verdadeira função do editor de texto? Yamazaki (2007, p. 5) relata que editor é:

o profissional que gera uma obra segundo padrões literários e estético-gráficos, para divulgação comercial. Seu conceito de editor restringe-se à concepção da palavra *editor* em língua inglesa, que tem o sentido de ‘pessoa encarregada de organizar, i.e., selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra e, às vezes, prefaciar e anotar os textos de um ou mais autores’.

Com as palavras de Yamazaki, é possível entender que o editor faz uma leitura geral do texto antes da publicação. E a autora ainda diz que “Esse profissional age como um facilitador na tensão entre o significado intencional e o significado recebido e tem que reduzir essa tensão ao máximo para que o significado possa ser transmitido da forma mais eficaz possível.” (YAMAZAKI, 2007, p. 7) O editor trabalha o significado do texto de acordo com público leitor. Yamazaki (2007, p. 5) completa: “pode-se considerar que o editor de texto atua como um facilitador e mediador de dois esquemas que em geral usam o mesmo código lingüístico”.

Yamazaki (2007, p. 7) ainda afirma que “A supressão dos erros, a busca por um texto sem lapsos de nenhum tipo, também faz parte da atividade de edição, mas na medida em que o erro pode prejudicar a legibilidade textual ou visual.” Com os relatos da autora, percebe-se que o papel do editor pode ser visto como uma contribuição visual para o texto, pois é ele quem verifica se o texto está impecável para a publicação. Ainda sobre o editor, Araújo (*apud* Yamazaki, 2007, p. 9) relata que:

Como a atuação do editor de texto não se restringe a alterações gramaticais, ele deve ter em mente um espectro mais amplo de interferência, que pode até atingir o estilo do autor, conforme apontou Emanuel Araújo. “O preparador de originais [...] não pode prender o texto numa camisa-de-força dos critérios gramaticais excessivamente rígidos, sob pena de desautorizar grande parte dele, dando-o como ‘impublicável’” (ARAÚJO, 2006, p. 70).

O editor recebe a função de analisar novamente o texto. Após a análise do próprio autor, o editor deve mudar o texto sem alterar o seu conteúdo, deixando-o impecável para a publicação. Assim, Silva (2011, p. 47) relata que:

a edição revista desdobra-se num gesto simultâneo de proximidade e distanciamento quanto à edição anterior (EP): proximidade em virtude das determinações ideológicas que ainda permitem a manutenção da parcela repetível de saberes; distanciamento em virtude de tudo o que, uma vez precisando ser esquecido, deve ser ressignificado, embora subterraneamente retorne como avesso do intradiscurso (ou seja, daquilo que está sendo escrito pelo sujeito)... A esta ilusão de completude, por sua vez, vincula-se a ilusão de que tudo aquilo que devia ser de fato modificado o foi, e tudo aquilo que deveria ser dito na ocasião da nova conjuntura, igualmente o foi.

O revisor também tem papel muito importante na finalização do texto, pois é ele quem corrige as falhas gramaticais, ortográficas, e, ainda, mais que isso, ele também organiza as ideias e as deixa coerentes.

Ao ponderar sobre esse aspecto, Ribeiro (2009, p. 8) explica que:

De fato, a depender dos propósitos da revisão, a interação e a negociação entre autor e revisor têm muito mais implicações do que a simples “correção”, para a qual não haveria contra-argumentos, dado que ela estaria fundamentada na inexorável “gramática tradicional”.

As considerações de Ribeiro contribuem com o pensamento de que o revisor é muito mais que um simples “corretor de texto”, pois ele analisa o texto por partes e as partes como um todo do texto, deixando-o com tessitura homogênea, assim cada parte conversa com a outra, então o texto tem sentido do início ao fim. Ribeiro (2009, p. 2), com as palavras de Chartier, completa:

... a importância do revisor não repousa apenas na relevância do trabalho desse profissional em cada obra, mas de sua intervenção como ator social. “O papel dos editores de texto e dos revisores na sistematização gráfica e ortográfica das línguas vernaculares (incluindo a pontuação) foi muito mais determinante do que as proposições de reforma ortográfica”,

A referência que Ribeiro faz ao revisor permite afirmar que o revisor tem papel importantíssimo, pois é ele quem determina o certo e o errado em cada texto, levando em consideração o seu contexto e o seu público. Assim, o seu papel é realmente muito mais que corrigir, o revisor recebe um papel social de adequar o texto de acordo com o leitor.

Yamazaki (2007, p. 6) completa a importância do revisor com o conceito antigo de revisor, dizendo que:

Houaiss considera que, ao longo da história do livro, revisor era aquele que acompanhava o processo de preparação de originais, responsabilizando-se também pelas condições formais dos textos até a impressão da obra. O revisor não se detinha, como hoje, “apenas” na correção das provas (para identificar e eliminar erros no texto impresso) e no zelo pela disposição gráfica, pela composição das páginas. O revisor abarcava, portanto, o conceito de editor no sentido primitivo da palavra, segundo Houaiss. (6)

Depois de pensar sobre o trabalho do editor e do revisor de texto, fica a pergunta: qual seria a diferença entre o trabalho dos dois? Ribeiro (2009, p. 4) explica que:

Corretores, preparadores e revisores mantêm-se atuantes, muito embora nem sempre tão distinguíveis. Editores de texto reescrevem (e até retextualizam) originais que serão diagramados. Revisores (corretores) verificam aspectos do texto (e de suas articulações com o layout e a imagem, por exemplo, para ficar só no suporte impresso) que ainda precisam ser verificados, conforme parâmetros de gênero e circulação dados pelo projeto editorial.

Ribeiro (2009, p. 5) ainda completa que:

Os tipos de intervenção que os profissionais de revisão fazem nos textos também são objeto de discussão e pesquisa. Normalização, correção ortográfica, sintática e estrutural são aspectos formais comumente tocados pelo revisor. E o conteúdo, a quem cabe? Problemas de layout dizem respeito ao revisor? Até que ponto se pode “mexer em um texto”? Quais são os limites entre retextualização, reescrita, edição e revisão? Com que intensidade pode ocorrer o diálogo entre revisor e autor? Algumas editoras mantêm certa distância entre ambos, optando pela mediação do editor. Outras instituições preferem uma negociação direta entre autor e revisor, estabelecendo entre eles uma relação de confiança.

As explicações sobre editor e revisor de texto permitem afirmar que o trabalho de um contribui para o trabalho do outro, e, ainda, que às vezes os dois são a mesma pessoa, e que, ainda, o autor é peça fundamental no trabalho dos dois.

Salgado (2008, p. 539) afirma que “não basta ter opções bem formuladas para a tessitura, uma para a inserção de uma nota e outra para o corpo do texto, é preciso decidir sobre qual dos recursos será mais adequado à circulação material do texto.” Assim, conclui-se que após todo o trabalho feito pelo autor, pelo editor e revisor, espera-se que o texto esteja pronto para ser publicado, com a certeza de que não há falhas de compreensão, e sem dúvidas de que lhe foi dada toda a atenção possível para que ele ficasse formidável.

### **1.3 A revisão e a manutenção do estilo**

Cada texto escrito tem suas próprias características, que são construídas dependendo do autor. Ao passar pelo revisor, o texto deve permanecer com o seu conteúdo e estilo, pois cabe ao revisor melhorar o texto, dando clareza e, em alguns

casos, deixando-o conforme as regras da gramática, mas não alterá-lo para que fique irreconhecível para o autor.

Sobre as escolhas pessoais para a construção de um bom texto, Monteiro (1991, p. 161), relata que:

Um bom desempenho linguístico é o alicerce do estilo de quem se expressa bem. Trata-se de uma das mais relevantes qualidades, de que decorrem quase todas as demais. Naturalmente, virtudes ou defeitos são valores subjetivos e relativos. O que para uns é belo a outros desagrada. O gosto pessoal tem sua parcela de influência e, por isso, todo julgamento de valor deve ser visto com alguma cautela, mais do que nunca respeitando os fatores textuais.

Não cabe ao revisor modificar uma parte do texto apenas porque não lhe agrada, ou porque não foi construído conforme o seu estilo, como disse Monteiro (1991), acima, “todo julgamento de valor deve ser visto com alguma cautela”, assim o revisor não pode fazer juízo de valor sobre o texto que não é de sua autoria, alterando uma parte do texto apenas por não estar de acordo com seus traços estilísticos. Ao contrário, ele deve levar em consideração o conteúdo e a forma apresentada.

Quanto à formação de um bom revisor, Ribeiro (2009, p.10) afirma que:

Para MALTA (2000), a formação do bom revisor passa por uma série de experiências: “ótimo conhecimento de português”, “mergulhos sérios” em gramáticas normativas, leitura de jornais e revistas, para manter-se informado, atualização sobre mudanças em gramáticas e outros manuais, atenção, senso crítico, mas “nada de se meter a autor, reescrevendo furiosamente laudas e mais laudas só para mostrar ao editor que o revisor é competente”

A autora, com as palavras de Malta, ressalta a importância de o revisor fazer apenas as alterações que lhe couber, como revisor, e ela ainda completa: “(...) o bom senso e o profissionalismo exigem que o revisor seja fiel ao conteúdo do original”. Assim, o revisor não pode alterar o texto conforme o seu gosto, Ribeiro (2009, p.6) ainda diz que: “A incumbência do profissional da revisão é ‘o cotejo da prova com o original sem compromisso com o conteúdo do texto e limitado apenas aos erros tipográficos’” (PINTO, 1993, *apud* RIBEIRO, 2009, p. 6). Assim, o revisor deve manter a essência do texto, alterando apenas o que prejudica o seu bom entendimento ou elementos em desacordo com o padrão linguístico.

Monteiro (1991, p.47) complementa, afirmando que:

Pelo relacionamento paradigmático, a decisão da escolha de um elemento em vez de inúmeros outros disponíveis no código é uma questão de âmbito estilístico. Cada unidade lexical se relaciona a uma série que permite as mais diversas variações de significado.

Se o autor escolheu uma construção textual pertencente ao padrão linguístico, é uma questão de estilo. Se ele escolheu, por exemplo, uma oração subordinada, ao invés de uma coordenada, porém essa escolha não agradou ao revisor, o revisor não pode alterar apenas por não ter gostado da construção. Se, nesse caso, o revisor alterasse para oração coordenada, ele poderia até mudar o sentido da oração, e dar ênfase, por exemplo, à outra parte do texto, a qual o autor talvez não tivesse a intenção de fazer. Assim, o revisor estaria extrapolando a revisão, pois além de alterar a construção gramatical dessa oração, o revisor poderia alterar, também, o sentido do texto.

Assim, reconhecemos a importância do trabalho do revisor de textos, mas reconhecemos, também, que ele é quem faz as alterações necessárias para que o texto fique pronto para ser lido, e é por isso que ele deve partir do princípio de que sua revisão servirá para melhorar o texto e não para mudá-lo completamente.

Uma vez concluído esse levantamento referente ao papel do autor e do revisor de textos, será abordado, no próximo tópico, o texto jornalístico e suas particularidades.

## 2 O TEXTO JORNALÍSTICO

O texto jornalístico é conhecido por sua linguagem informativa e atualizada, ele é lido diariamente por uma diversidade de pessoas. Por isso, deve-se estabelecer um padrão linguístico do que se deseja publicar.

Esse texto passa por várias etapas antes da publicação, entre elas pela edição e revisão de texto, mas, mesmo assim, por terem notícias e reportagens bem atuais, e, muitas vezes surgidas no último instante, os textos ainda aparecem com falhas linguísticas diversas, pois não há tempo para revisá-los, já que muitas vezes eles chegam no momento em que se vai publicar o jornal.

No texto do jornal impresso, costuma-se usar a linguagem referencial e impessoal, conforme Lages (2003, p. 51):

A comunicação jornalística é, por definição, referencial, isto é, fala de algo do mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. Isso impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa. As exceções são poucas: reportagens-testemunho, algumas crônicas, textos intimistas destinados a grupos restritos. A exigência é marcante em português, língua em que a impessoalidade é marcada por pronome oblíquo (se) que não se confunde com forma de tratamento.

Além dos padrões citados acima, o texto jornalístico segue uma série de estilos, que variam de acordo com as escolhas do autor, porém, de acordo com Lages (2003, p. 54):

A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração de notícias: a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo. Tudo isso terá, no texto, *efeito de realidade*, isto é, contribuirá para a verossimilhança do relato. Certas particularidades estilísticas do idioma adquirem importância, como o fato de o adjetivo anteposto ao substantivo, em português, adquirir sentido sublimado (bom homem, pobre moça), redundante (nobre deputado) ou subvertido (em “verdadeiro diamante”, a pedra geralmente não é um diamante, mas algo parecido – e falso).

Dejavite & Martins (2006, p. 23) relatam que: “o decreto nº 83.284/79 estabelece que o jornalismo compreende, entre outras atividades, a ‘revisão de originais de matéria jornalística, com vistas à correção redacional e à adequação da linguagem’” (artigo 2º, inciso VIII). Além de os textos serem corrigidos gramaticalmente, também são adequados ao público destinado. O jornal diário, distribuído gratuitamente em sinaleiros ou no terminal rodoviário de cidades, por exemplo, deve ter linguagem acessível a pessoas de todas as classes, devido ao seu local de distribuição. Sobre o texto jornalístico, Noblat (2002, p.81) contribui,:

Se eu não sei exatamente o que quero dizer, ninguém me entenderá. Ninguém me entenderá se eu esquecer que escrevo para pessoas comuns, não para iniciados ou especialistas neste ou naquele assunto. O jornalista reporta o que viu e torna o conhecimento mais complexo e acessível às pessoas comuns. É da perspectiva dessas pessoas que ele tem de enxergar os fatos e traduzi-los depois.

Com as considerações de Noblat, compreende-se que o texto jornalístico deve ser o mais claro possível. Ele ainda completa: “Escrevam uma notícia ou uma reportagem como se contassem uma história a um amigo. Toda história tem começo, meio e fim. Notícia e reportagem também.”

Lage (2003, p. 47) conceitua o jornalismo afirmando que:

(...) em jornalismo a ênfase se desloca para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura.

Se o texto jornalístico é um texto “para consumo imediato”, sua revisão é mais rápida e sua linguagem é mais solta. Lage contribui com o pensamento de que nesse tipo de texto o mais importante é o conteúdo, por isso “as variáveis formais devem ser reduzidas”, pois não há tempo de se revisar profundamente, assim, deve-se estabelecer as prioridades a serem vistas. Lage (2003, p. 48) ainda completa:

O texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos linguísticos pobres de valores referenciais. (...) A questão teórica consiste em estabelecer princípios tão gerais que permitam a constante atualização da linguagem e que estejam relacionados com os objetivos, o modo e as condições de produção do texto.

O texto jornalístico tem algumas marcas de linguagem informal e também tem características informativas. Como disse Lage (2003), a linguagem está em constante atualização e se adequa ao modo e ao objetivo do texto, se o texto de jornal é basicamente para informar fatos a um número grande de pessoas, ele deverá ser o mais objetivo e simples possível, para o entendimento dessas diversas pessoas. Lage (2002, p. 49) completa:

Do ponto de vista da eficiência da comunicação, o registro coloquial seria sempre preferível. É mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e maior expressividade.

No entanto, o registro formal é uma imposição de ordem política, esteja ou não em lei. A pressão social valoriza seu emprego e qualifica de quase todo desvio. Não é o caso de afrontar cegamente tal imposição. Ela se confunde com a ideia de nação, ou de cultura diferenciada, além de permitir que a língua nacional se transforme mais lentamente e que as inovações sejam testadas antes de incorporar-se ao dicionário e à gramática oficiais.

A conciliação entre esses dois interesses – de uma comunicação eficiente e de aceitação social – resulta na restrição fundamental a que está sujeita a linguagem jornalística: ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são passíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal.

Lage (2003, p. 13) afirma ainda: “Manchetes, títulos, textos, legendas representam o componente digital da comunicação jornalística. Como é próprio das línguas naturais, a sintaxe lógica é rica e complexa, o que a torna adequada à comunicação de conceitos.” Para uma boa comunicação, principalmente escrita, é preciso que se use corretamente a sintaxe para que se tenha lógica entre as partes do texto.

## **2.1 O perfil do autor/ revisor jornalístico**

Dejavite & Martins (2006, p. 22) relatam: “O Decreto que regulamenta a profissão de jornalista, define o revisor como “aquele que tem o encargo de rever as provas tipográficas de matéria jornalística” (artigo 11, inciso II).

O autor do texto jornalístico, muitas vezes, também é o revisor desse texto, e por ter muito trabalho a fazer, escapam aos seus olhos erros de estrutura gramatical e até erros ortográficos. Dejavite & Martins (2006, p.27) atribuem esses erros a sobrecarga de trabalho que esses autores têm:

O baixo número de repórteres responsáveis por uma quantidade desproporcional de pautas resulta em queda da qualidade textual nos dias de hoje. Isso ocorre não só pela falta de tempo – considerada, por alguns, insignificante no processo de composição das matérias –, mas principalmente pela sobrecarga de trabalho, visto que são responsáveis por funções antes designadas a profissionais diferentes. Ademais, mesmo quando passam pelo filtro do editor, muitas matérias ainda são publicadas com erros, já que ele também é encarregado por diversos ofícios e, por isso, não tem tempo suficiente para analisá-las com a devida atenção. A presença de um pequeno grupo de revisores poderia evitar que boa parte dessas falhas fosse publicada.

Além da sobrecarga de trabalho, Dejavitte & Martins (2006) também atribuem os erros jornalísticos à falta de revisores especializados. Se com os editores e revisores, algumas falhas passam despercebidas, sem eles, mais falhas serão encontradas nos textos. E apesar de o autor jornalístico ser, muitas vezes, o revisor, Noblat (2002, p.77) afirma que:

A redação não é o lugar adequado para aprender a escrever. Primeiro porque nela tudo é feito às pressas e ninguém tem muito tempo para ensinar o que quer que seja a outros. Segundo porque há gente na redação que também não sabe escrever.

Noblat (2002, p.78) diz que “O mínimo que se espera de um jornalista ou de alguém portador de tal título é que saiba lidar com sua principal ferramenta de trabalho: o idioma.” Sobre o escritor, Luft (1999, p. 23) ressalta: “Um artista da palavra, o escritor, implicando com a gramática? Péssimo em Português? Mas não são os escritores os mestres da língua?”

O escritor jornalista precisa reconhecer a importância do domínio da sua língua, antes mesmo de se formar em jornalismo, pois, após a formação, talvez não haja tempo para aprender tudo ou quase tudo sobre a língua nativa, mas apenas para atualizações.

Após a finalização do texto, com ou sem revisor, é preciso que se releia, assim, haverá uma visão geral sobre o que foi escrito e chances das falhas serem encontradas antes do texto publicado.

Noblat (2002, p. 92) relata que “Qualquer texto é passível de ser melhorado. Sempre há palavras sobrando, ou que podem ser trocadas, outras fora do lugar e parágrafos que pedem para ser completamente reescritos”. E ele ainda completa: “Ler em voz alta ajuda a descobrir defeitos que escapam aos olhos. Defeitos como o emprego de palavras que rimam, frases mal construídas ou frases demasiadamente longas.” (NOBLAT. 2002, p. 95)

A responsabilidade de um autor/revisor de texto jornalístico é grande, pois seus textos seguem um padrão informativo, como já foi citado, porém eles não precisam e não devem ser iguais, “cópias uns dos outros”, como Noblat (2002, p. 98) relata:

Os textos se tornaram mais diretos, objetivos e limitados ao essencial. Mais parecidos uns com os outros, enfim. Pois digo: viva a diferença! Textos bem escritos não podem e não devem ser iguais. Nem parecidos. Se forem, não serão bons textos.

As considerações de Noblat remetem ao fato de que o estilo textual de cada autor deve ser respeitado. Mesmo sendo textos jornalísticos, eles não devem ser padronizados, pois no jornal há diversos gêneros linguísticos.

Dejavite & Martins (2006, p.25) relatam que: “(...) os jornais aboliram a revisão, deixando esta função sob a incumbência do próprio repórter – que não possui nem conhecimento nem treinamento específico ou vocação para a detecção de erros”. Com a extinção dos revisores de textos jornalísticos, fica claro que os jornais estão mais focados em passar a informação e não em como passar a informação.

Com a era da informatização, muitas empresas de jornais extinguíram totalmente os cargos de revisores, trocando-os pelo simples “corretor de texto” do computador, e é aí que surgem muitas falhas de clareza e coerência, pois o computador corrige apenas alguns erros de concordância e de grafia, quanto aos erros de estrutura textual, esses não são levados em conta.

Sobre a informatização da revisão de texto, Dejavite & Martins (2006, p.26) relatam que:

Depois da informatização, os setores de revisão foram substituídos por alguns poucos profissionais, encarregados de ler o jornal após sua impressão para apontar os erros publicados. Chamados por Alcindo Ribeiro (1999, p. 34) de “redatores de erratas”, esses profissionais existem para apontar as falhas aos jornalistas, na tentativa de “educá-los”.

Mas será que realmente é eficaz ter um grupo para revisar o jornal depois de impresso? Será que as pessoas estão realmente atentas às erratas? Se já foi impresso, não há como voltar para corrigir o que já foi escrito, poderia ser mais útil criar um grupo para revisar os textos antes de serem publicados, assim os erros seriam amenizados antes da publicação.

Dejavite & Martins (2006, p.25) afirmam que “Uma das queixas mais comuns dos leitores de jornais refere-se a erros de ortografia, mais que um serviço a favor dos leitores, o escrever corretamente é uma questão ética.” Se é possível encontrar falhas de grafia, imagina-se que, também, é possível encontrar inadequações diversas em se tratando de gramática e de clareza textual.

Os leitores estão cada vez mais exigentes, eles são mais informados e atentos aos mínimos detalhes e principalmente aos erros. Dejavite & Martins (2006, p. 25) completam:

na atual sociedade, em que as pessoas se tornam ávidas por informações, o produto que as oferecer de maneira mais clara, detalhada, correta, será mais respeitado e consumido. Daí a importância de haver, nas empresas jornalísticas, pessoas responsáveis pelo bom acabamento das matérias: os revisores.

O autor jornalístico é sim o protagonista do texto, mas o revisor exerce papel fundamental para a publicação de um bom texto, pois ele dá o “bom acabamento das matérias”, além de adequar a linguagem aos leitores. Ressalta-se, então, como é importante ter uma boa equipe de revisão de textos nas empresas de jornal.

## 2.2 As marcas dos textos jornalísticos

É comum que se encontre, no texto jornalístico, traços discursivos e textuais distintos, que serão adequados às determinadas notícias ou reportagens. Dependendo do que se quer chamar atenção, é que se escolherá a ordem das palavras e as estruturas linguísticas. Perini (2001, p. 55) esclarece que a gramática é responsável pelas partes formal e funcional do texto, no que diz respeito à maneira de apresentação do conteúdo no discurso. Ele ainda traz exemplos e explicações:

Por exemplo, podemos ter duas sentenças com a mesma análise sintática (no que diz respeito às funções dos termos) e a mesma interpretação semântica *stricto sensu*, mas que ainda assim apresentam diferenças que podemos levar em conta em uma gramática:

(27) chove muito em Belo Horizonte.

(28) em Belo Horizonte chove muito.

A função sintática e a interpretação semântica de *em Belo Horizonte* são as mesmas em (27) e em (28). Mas certamente a posição desse sintagma nas duas sentenças, além de merecer atenção por si mesma, correlaciona-se com uma diferença de forma de apresentação da informação. Dizemos que *em Belo Horizonte*, na sentença (28), tem o *status* funcional de “tópico”; o restante da sentença se denomina habitualmente “comentário”.

Utilizando-se a mesma informação, porém com ordens diferentes, por exemplo, pode-se destacar uma parte diferente do texto. No exemplo dado por Perini (2001), no (27) o destaque está sendo dado para a ação (chove), e no (28) o

destaque é para o lugar onde acontece a ação (Belo Horizonte). O destaque, no caso, foi chamado por Perini de “tópico”.

Ainda sobre a ordem de colocação dos termos, Garcia (1976, p. 247) relata: “(...) a colocação das palavras na frase constitui um dos processos mais comuns e mais eficazes para dar relevo às ideias.” Ele afirma que a ordem está ligada à lógica, à clareza e à ênfase nas ideias, e que as inversões das palavras podem dar às frases “mais vigor, mais energia, o que é o mesmo que dizer: mais ênfase, realce ou relevo”. E ele ainda explica: “Em tese, todos os termos da oração podem ser deslocados para ganhar maior realce” (GARCIA, 1976, p. 250)

Garcia (1976, p. 251) exemplifica a gradação enfática, mostrando como a atenção é voltada para determinada parte do texto, à medida que se altera a ordem:

- a) Eu, *antes do jantar*, costumo ler o jornal.
- b) *Antes do jantar*, costumo ler o jornal.
- c) Costumo ler o jornal *antes do jantar*.
- d) Costumo ler, *antes do jantar*, o jornal.
- e) Costumo, *antes do jantar*, ler o jornal. (Grifo do autor)

Cunha & Cintra (2008, p. 176) completam:

Ao reconhecemos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas, ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

Cunha & Cintra (2008) relatam que há inversões de natureza estilística, as quais alteram a sequência lógica dos termos de uma oração, e uma das mais importantes é a ênfase, surgida por essas inversões.

Sobre a informação, Faraco & Tezza (2008) afirmam que não existe “informação pura”, eles dizem que toda informação parte de um ponto de vista.

Toda informação é *interessada*, e implica uma relação viva entre quem informa e quem é informado, cujos interesses e pontos de vista são elementos constitutivos de toda enunciação – de tudo que dizemos, ouvimos, lemos, escrevemos. A simples *escolha* do que se vai informar já indica um *ponto de vista* sobre o que é relevante e o que não é relevante. (Grifo do autor)

Em se tratando de texto jornalístico, é possível perceber, ao ler uma reportagem, por exemplo, qual foi o ponto de vista apresentado pelo autor. Há certas reportagens mostradas em diversos jornais que ilustram essa variedade na forma de passar a informação e que, em cada um, está de uma forma diferente, pois a organização das informações no texto depende do que o autor quer dar ênfase e o que ele quer informar sobre a notícia.

O autor de textos jornalísticos tem em suas mãos a responsabilidade de passar as informações de modo que fiquem claras. Ele deve escrever de forma objetiva e verossímil, pois, mesmo que ele mude a ordem das ideias ou dê ênfase em partes que ele considera importantes, o texto tem de passar a informação verdadeira, pois o autor não poderia, simplesmente, expressar sua opinião para mudar o conteúdo do texto.

Ao se analisar as marcas dos textos jornalísticos, percebe-se que suas características são formadas de acordo com o interesse em publicar tal notícia ou reportagem, essas características são utilizadas para chamar a atenção dos leitores e para expressar certas opiniões sobre assuntos diversos publicados. E para explicar melhor essas características, temos a análise de diversos textos jornalísticos no próximo capítulo.

### 3 ANÁLISE DOS TEXTOS DE JORNAIS DIÁRIOS

Neste trabalho, são analisados textos de jornais impressos diários gratuitos e pagos. As diferenças entre suas linguagens serão comparadas para evidenciar os traços do estilo: serão destacados, também, os traços das escolhas de elementos sintáticos, bem como a ordem das palavras, visando à ênfase das informações apresentadas nas notícias e nas reportagens.

Os jornais gratuitos aqui analisados são distribuídos em sinaleiros, em pontos de ônibus e na Rodoviária Central de Brasília, Distrito Federal. São eles: Destak e Metro. O Destak é um jornal de edição diária nas cidades de São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Campinas e Brasília – DF, ele é distribuído de segunda-feira a sexta-feira e publica notícias estaduais e internacionais. O Metro também é um jornal de edição diária com notícias e reportagens variadas; e outro é o jornal O Regional, um jornal local da cidade de São Sebastião – DF, distribuído no comércio local e nas ruas da cidade.

Os textos também foram retirados do jornal impresso diário Correio Braziliense, bastante conhecido em Brasília. Ele é vendido em bancas de jornal, em supermercados, em panificadoras, além de ser distribuído diariamente, por assinatura, em residências.

Foram coletados cinco exemplares de cada jornal, exceto do O Regional, em que foi coletado apenas um, devido à dificuldade de encontrá-lo. Dos exemplares recolhidos, nem todos foram analisados, foram utilizados alguns textos do mesmo exemplar, de acordo com a tabela abaixo:

<b>Texto</b>	<b>Jornal</b>	<b>Edição</b>
1	O Regional	Setembro/ 2012.
2	Correio Braziliense	29/09/2012.
3	O Regional	Setembro/ 2012.
4	Correio Braziliense	03/08/2012.
5	Destak	29/08/2012.
6	Correio Braziliense	19/10/2012.
7	Metro	14/09/2012.

8	Correio Braziliense	03/08/2012.
9	O Regional	Setembro/ 2012.
10	Correio Braziliense	03/08/2012.

No total, foram utilizados cinco textos do Correio Braziliense, três textos do O Regional, um do Destak e um do Metro. Dos exemplares, foram utilizados três do Correio Braziliense, um do O Regional, um do Metro e um do Destak.

### 3.1 As escolhas sintáticas que prevalecem

A gramática oferece diversas opções de estrutura de sentença para se dizer a mesma coisa, e, nesse sentido, o autor é livre para escolher a ordem das estruturas e, com isso, evidenciar traços do estilo gramatical que lhe agradam. O revisor não deve se intrometer nessas escolhas, a menos que elas sejam inadequadas ao texto ou ao público destinado.

A gramática da língua portuguesa oferece formas variadas de ordem para colocação dos termos na oração, e, além disso, também oferece opções de se alterar a ordem de alguns termos visando à ênfase de determinada parte do texto. Cunha & Cintra (2008, p. 176) relatam que as inversões de ordem da língua portuguesa não podem se repugnadas, pelo contrário, algumas são consagradas e se tornaram fundamentais.

Quanto à ênfase, é um recurso utilizado para destacar certas partes do texto. Cunha & Cintra (2008, p. 176) afirmam que “Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.”

Os autores de jornais impressos diários utilizam bastante esses métodos, pois dependendo da ordem de colocação dos termos, eles destacam informações distintas.

A atenção aqui será dada à ordem de colocação dos termos para obtenção de ênfase de determinadas partes do texto.

### Jornal impresso diário gratuito

(1) Verdades e mentiras da política no DF

(...) A **ex-ministra** Marina Silva, **anunciada como candidata ao GDF em 2012**, já tem um projeto: rever todas as autorizações ambientais dadas para empreendimentos na cidade a partir de 2009.

(Fonte: Jornal o regional - setembro/ 2012 – ano 1º / edição V, p. 3)

A ordem utilizada acima destaca o cargo de “ex-ministra” da candidata Marina Silva. A ordem natural da língua portuguesa é a direta, porém, nesse caso houve inversão, pois se quis destacar a característica do sujeito. Percebe-se que não se usa o “ex-ministra” posposto, não é comum esse tipo de construção, e que se o texto for escrito em outra ordem, enfatizará outro trecho, e, talvez, trará outro sentido. Por exemplo:

(1.1) **Anunciada como candidata ao GDF em 2012**, Marina Silva **a ex-ministra** já tem um projeto: rever todas as autorizações ambientais dadas para empreendimentos na cidade a partir de 2009.

Com a mudança na ordem, a ênfase é dada ao: “Anunciada como candidata ao GDF em 2012”; assim, o cargo de “ex-ministra” não é mais o destaque principal. O autor optou pelo estilo de manter a ordem comum dos termos e de enfatizar o cargo e não a pessoa.

### Jornal impresso diário pago

(2) **O vice-presidente** Michel Temer (PMDB) também estará na capital paulista neste fim de semana, para uma caminhada ao lado do **candidato do partido à prefeitura de São Paulo**, Gabriel Chalita. Será no bairro do Brás, região Central.

(Fonte: Correio Braziliense, nº 18.025, 29 de setembro de 2012, p.2)

No texto 2, as informações colocadas em ênfase são “o vice-presidente” e “candidato do partido à prefeitura de São Paulo”, pois estão ordenadas antes mesmo dos nomes das pessoas que possuem esses cargos. O recurso de ordem e ênfase foi utilizado para destacar primeiramente os cargos e não as pessoas. Aqui o autor também optou pelo estilo comum da ordem dos termos, pelo mais utilizado. Assim ele destacou, também, os cargos das pessoas citadas.

A escolha estilística a seguir é relativa ao uso do infinitivo pessoal flexionado ou não pelos autores dos textos. Conforme Cunha & Cintra (2008, p. 498), “o infinitivo pessoal tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se”. Quando a

escolha é o infinitivo flexionado, o texto é visto com ideia de plural e a ênfase é dada ao sujeito flexionado no plural ou mesmo não flexionado, mas que passa essa ideia.

#### Jornal impresso diário gratuito

(3) Programa menor aprendiz vai se tornar realidade  
 (...) Os jovens aprendizes terão oportunidades **de estagiarem** na CEB, Caesb, Metrô, Terracap, SAB, Emater, BRB, Novacap. “O custo do investimento com jovens é bem menor que o custo para sustentar um preso. Além do mais, estaremos dando dignidade para muitas pessoas, que terão oportunidade de aprender uma profissão e **ingressarem** no mercado de trabalho”, disse o deputado Agaciel.

(Fonte: Jornal o regional - Setembro/ 2012 – ano 1º / edição V, p. 2)

A forma escolhida pelo autor deixou o texto com uma linguagem mais informal, pois, além dessas marcas, em alguns trechos, o texto está flexionado na 1ª pessoa do plural, aproximando a linguagem a do leitor.

A forma do infinitivo flexionado poderia ser trocada pelo infinitivo não flexionado, mas o autor preferiu colocar o primeiro talvez pela aproximação e identificação do leitor com essa forma.

No segundo destaque do texto, a palavra “ingressarem”, além de estar no infinitivo flexionado, quebra o paralelismo sintático da oração. O trecho foi dito pelo deputado Agaciel, porém poderia ser colocado na forma de citação indireta, e, assim, poderia ser apresentado de maneira mais formal.

O autor optou por deixar o texto na 1ª pessoa, ainda com a fala do deputado, ao invés de transformar a fala em citação indireta, mudando o texto, resumindo a fala do deputado e adequando ao estilo escolhido.

#### O jornal impresso diário pago

(4) (...) No meio jurídico, as divergências sobre a caracterização do crime de corrupção dominam as discussões. De um lado, a acusação aponta que os pagamentos eram feitos **para determinar** como os deputados votariam. Já as defesas afirmam que são pagamentos de dívidas de campanha, feitas por um partido aliado, o que caracteriza uma infração menor: o caixa dois eleitoral.

(Fonte: Correio Braziliense, nº 17.968, 3 de agosto de 2012, p.8)

No texto 4, a forma escolhida foi a do infinitivo não flexionado, diferenciando-se, assim, da forma utilizada no texto 3. Percebe-se que nesse quesito o jornal pago apresentou um estilo mais formal. O autor escolheu a forma menos usada oralmente, sem receio de parecer “errado”, pois os leitores dos jornais pagos

são mais selecionados e espera-se que sejam mais esclarecidos quanto à linguagem.

A forma a ser analisada abaixo será relativa à concordância verbal com expressões partitivas. Cunha & Cintra (2008 p. 513) relatam que “quando o sujeito é constituído por expressão partitiva e um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural”. Assim, as duas formas de concordância são aceitas pela gramática. Cunha & Cintra (2008 p. 513) ainda completam que:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

As duas formas de concordância estão de acordo com a norma padrão, porém cada forma utilizada enfatizará uma parte do sujeito, ou seja, cada forma mudará o sentido da oração.

#### O jornal impresso diário gratuito

(5) EUA se preparam para chegada de furacão  
 (...) A população dos **Estados Unidos** que **prevêem** a chegada do Isaac já **organizaram** abrigos comunitários e a saída de áreas de risco e **constroem** barricadas.  
 (Fonte: Destak – 29 de agosto de 2012 – edição nº 549, ano 3, p. 5)

No texto 5, a concordância verbal foi feita com o substantivo Estados Unidos, que se encontra no plural. Apesar do plural, essa forma foi utilizada para destacar o todo (Estados Unidos) e não a parte (população). Todos os verbos se referiram aos Estados Unidos, o que deve ser feito conforme a escolha do autor, pois o paralelismo tem de ser mantido. A concordância dos verbos no plural também pode ter sido feita para combinar com a ideia de plural da palavra “população”, tornando-se, assim, uma concordância ideológica.

#### O jornal impresso diário pago

(6) A novela de todas as salas  
 (...) Para o motorista Gilson Pereira, morador de Santa Maria, o horário de transmissão do folhetim é também o momento de reunião familiar. **O grupo**, formado pela esposa Maria Aparecida, os filhos Cleber e Jeferson, as noras Vera Lucia e Ivonete (além de mais quatro netos no elenco) **adiantam** as tarefas o mais rápido possível para estar a postos diante da televisão.  
 (Fonte: Correio Braziliense, nº 18.040, 19 de outubro de 2012, p.1)

O texto 6 também traz o verbo conjugado no plural, concordando com “os vários elementos que compõem o sujeito”. Essa forma foi utilizada para destacar as pessoas que fazem parte do “grupo”. Assim como no texto 5, a palavra “grupo” também possui ideia de plural, o que pode ter sido relevante para a concordância pluralizada.

Quando um texto é produzido, é possível encontrar períodos compostos por coordenação ou por subordinação. A escolha entre essas duas depende da necessidade de expressão das ideias, pois o autor é livre para optar por aquela deixa seu texto mais completo. Cunha & Cintra (2008, p.610) afirmam que, para a análise de um período composto, deve-se levar em consideração que:

- a) a oração principal não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;
- b) a oração subordinada desempenha sempre (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial ou aposto) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo;
- c) a oração coordenada, como a principal, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra coordenada, mas em sua integridade.

Após a definição dos tipos de oração, serão analisados os tipos que aparecem nos jornais pesquisados.

#### O jornal impresso diário gratuito

No texto abaixo as orações construídas são predominantemente subordinadas, o que evidencia que o autor fez sua escolha, entre os recursos oferecidos pela língua portuguesa.

(7) Piscinas de centros olímpicos estão paradas  
João, **que joga** futebol, conta **que o** irmão Victor, 15, passou a jogar bola desde **que não conseguiu** se matricular na natação. (...)

(Fonte: Metro - 14 de setembro de 2012 – edição n. 91, ano 1, p.5)

Nesse caso, o revisor de texto não deve alterá-lo, pois o autor acertou em suas escolhas, ele escolheu o seu estilo, dentre as estruturas sintáticas oferecidas pela Língua Portuguesa.

### O jornal impresso diário pago

(8) Ao longo das últimas semanas, Dilma começou a amadurecer a ideia, **mas resistiu** ao subir no palanque. Gravou diversas mensagens para o candidato do PT à prefeitura paulistana, **mas vinha** postergando a presença física, deixando a tarefa para o ex-presidente Luiz Inácio da Silva. Lula e o PT convenceram-na da importância do apoio in loco para dar a arrancada final que garanta a presença do petista no segundo turno das eleições paulistanas.

(Fonte: Correio Braziliense, nº 18.025, 29 de setembro de 2012, p.2)

Já no texto 8, há algumas orações coordenadas, deixando o texto mais solto, sem muitas ideias dependentes, pois as orações coordenadas são sintaticamente independentes.

A linguagem jornalística, geralmente, é a mais próxima possível à linguagem popular. Observa-se que os textos jornalísticos se adequam aos leitores e que, às vezes, alguns desvios gramaticais podem ser encontrados neles propositalmente para aproximar a linguagem à popular. Em outros casos, alguns desvios gramaticais passam despercebidos pelo revisor e acabam sendo publicados.

### O jornal impresso diário gratuito

No texto 9, abaixo, a atenção da análise será voltada aos desvios gramaticais.

(9) Comunicado Público

A caravana Lippe Viana vem a público informar **a todos, que** os nossos eventos estarão suspensos por tempo indeterminado por motivos de estarmos sofrendo retaliações e perseguições por parte da Administradora de São Sebastião, **onde a qual** deveria estar preocupada com mal atendimento que ela presta a nossa comunidade e não se dar o luxo de perseguir uma pessoa que sempre procurou contribuir com o crescimento e desenvolvimento da cidade de São Sebastião, fica aqui a nossa lamentável indignação, mas **na esperança que** dias melhores virão, porque se Deus é por nós quem será contra nós?

(Fonte: Jornal o regional - setembro/ 2012 – ano 1º / edição V, p. 7)

Percebe-se, pela leitura e análise, que o texto acima provavelmente foi escrito por alguém pertencente ao próprio jornal e que ele não teve os cuidados necessários para se ter um texto conforme o padrão linguístico da Língua Portuguesa.

Os trechos destacados acima poderiam ser corrigidos da seguinte forma:

**a todos, que** – a todos que. A vírgula presente separa o objeto direto do verbo anterior ao objeto indireto.

**onde a qual** – a qual. Nesta parte, houve uma hipercorreção, pois o autor se preocupou em colocar os mínimos detalhes no texto, assim, colocou dois elementos com valor de pronome relativo, porém o “onde” não cabe nesse contexto, com ele a oração fica em desacordo com as regras gramaticais.

**na esperança que** – na esperança de que. Mais uma vez, a linguagem está informal e em desacordo com a norma padrão da língua portuguesa.

A justificativa para tantos desvios gramaticais pode ser dada pelo fato de o jornal do referido texto ser distribuído gratuitamente em uma única Região Administrativa do DF, assim a linguagem é a mais popular possível, ou mesmo por ele não passar por revisão antes de ser publicado. Encontram-se, nesse jornal, além de desvios gramaticais, marcas de linguagem informal.

#### O jornal impresso diário pago

(10) Mesmo doente, Jefferson online

(...) Segundo o médico, Jefferson **não terá** qualquer proibição **nem** de realizar viagens, entretanto, os médicos não aconselharam movimentações durante o tratamento e a recuperação.

(Fonte: Correio Braziliense, nº 17.968, 3 de agosto de 2012, p.6)

A conjunção “nem”, de acordo com Cunha & Cintra (2008, p.594), é aditiva “que serve para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função”.

A conjunção “nem” está utilizada de forma desnecessária, já que a oração anterior “Jefferson não terá qualquer proibição” é negativa. Se a conjunção “nem” fosse retirada da oração, também não faria diferença no sentido.

### 3.1 A linguagem formal e a informal nos jornais diários

Mesmo pago ou gratuito, o que se encontra nos jornais é a predominância da linguagem informal. Por se tratar de textos populares, na maioria das vezes, a linguagem se torna bem próxima à dos leitores. Sobre a linguagem jornalística, encontramos no Globo Manual de Redação e Estilo (1998, p. 26) que:

Escrever com simplicidade não parece ser um compromisso instintivo: quem menos sabe usar o idioma mais tende à redação sinuosa, cheia de frases superlotadas e redundantes. É o oposto do bom estilo, que

pede a palavra mais comum, menos pretensiosa. Não se escreve exatamente como se fala, mas é tolice contrariar gratuitamente a linguagem a que o ouvido do leitor está acostumado. Comete esse erro quem, por exemplo, invariavelmente escreve “após” em vez de “depois”, “colocar” em vez de “pôr” – e “ao invés” em vez de “em vez”.

Os autores devem saber as palavras certas para cada tipo de público, ele deve ser cuidadoso na escolha de seu vocabulário, deve adequar a linguagem. No Globo Manual de Redação e Estilo (1998, p. 26), encontramos o relato de que “O texto deve mesmo ser elegante – e não há elegância sem simplicidade, o que significa desprezo ao enfeite gratuito, ao falso intelectualismo, à cópia da banalidade alheia”.

O autor jornalista deve saber distinguir uma linguagem simples e clara de uma rica e cheia de “enfeites”. A riqueza da linguagem não está em palavras novas e desconhecidas, mas na comunicação eficaz, pois o leitor tem de ler e entender todas as informações passadas. O Globo Manual de Redação e Estilo (1998, p. 27) nos traz ainda que: “Uma riqueza o jornalista precisa ter e mostrar: a do vocabulário. Mas sem ostentação. Não se trata de tirar do baú o polissílabo desconhecido, mas de procurar a palavra que melhor descreve situação, cena ou episódio.”

Nos textos analisados, foi possível observar, tanto nos jornais pagos, quanto nos gratuitos, uma linguagem clara e muitas vezes informal, mas feita assim para ser mais objetiva, para “conversar” mais à vontade com o leitor.

Após a análise dos textos, é possível perceber a linguagem informal, mas, apesar disso, observam-se as marcas de regras gramaticais, que foram seguidas para não fugir totalmente da linguagem escrita. A linguagem jornalística é mais próxima à linguagem do leitor, porém nem por isso deixou de se seguir certas regras gramaticais.

## CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que existem vários estilos textuais apresentados pela estrutura da Língua Portuguesa e que os autores são livres para escolher entre o estilo que se adéqua melhor ao seu leitor, além de se adequar também ao tipo de texto.

Percebeu-se também que há uma relação entre o estilo dos autores e o dos revisores e que essa relação deve ser harmoniosa, pois os revisores não podem se apropriar dos textos e mudar tudo o que não lhe agradam, eles devem manter o estilo escolhido pelos autores. Mesmo que o texto possua estruturas em desacordo com o padrão linguístico, é preciso que se leve em consideração o tipo de texto, para saber se o texto pode ou não ser mudado.

Compreendeu-se que há estilos textuais jornalísticos diversos, e que eles variam de acordo com a notícia ou reportagem e com seu público leitor. Ainda sobre o texto jornalístico, explicou-se que há jornais em que a atenção para a revisão de textos não é dada, pois neles o cargo de revisor já foi extinto. Há outros em que ainda há revisores, mas, por terem notícias muito atuais ou às vezes surgidas muito próximas ao momento da publicação, não são revisadas pela falta de tempo hábil antes da publicação. Também há jornais que dispensam o trabalho dos revisores, assim, os próprios autores são aproveitados como editores e revisores.

Ao analisar os textos de jornais gratuitos e pagos, concluiu-se que tanto um quanto o outro têm escolhas estilísticas parecidas, às vezes têm alguns deslizes gramaticais que são utilizados para que haja uma linguagem aproximada ao do leitor do determinado jornal.

Os resultados alcançados permitiram compreender que quando o autor escolhe uma construção textual, entre várias apresentadas pela estrutura da Língua Portuguesa, é uma questão de estilo, porém, se essa construção não agrada ao revisor, ele não pode alterar, pois não cabe ao revisor modificar uma parte do texto apenas porque não lhe agrada.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora do livro técnico, 2004.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

DEJAVITE, Fábila Angélica Paula & MARTINS, Cristina. **O revisor de texto no jornal impresso diário e seu papel na sociedade da informação**. In: Comunicação e inovação, São Paulo, 2006.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristovão. **Oficina de texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1976.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2003b.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à estilística**. 3ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Editora ática, 1991.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

**O Globo Manual de redação e estilo**/ organizado e editado por Luiz Garcia. – 25. Ed. – São Paulo: Globo, 1998

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 2001.

PINTO, Ildete Oliveira. **O livro: Manual de preparação e revisão**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Em busca do texto perfeito**: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2007, Juiz de Fora.

\_\_\_\_\_. **Revisão de textos e “diálogo” com o autor**: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba.

SALGADO, Luciana. **O Autor e seu Duplo nos ritos genéticos editoriais**. Unicamp – Revista Eutomia Ano I – Nº 01 (525-546), 2008.

SILVA, Adriana Pozzani de La Vielle e. **A função autor-revisor e a reconfiguração do enunciável:** um olhar discursivo sobre a reescrita de livros. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *Ráido*, Dourados, MS, v. 4, n. 9, p. 37-49, jan./jun. 2011.

YAMAZAKI, C. 2007. **O editor de texto:** quem é e o que faz. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, Santos, 2007, Anais... Intercom.

## ANEXOS

## TEXTO 1

## Verdades e mentiras da política do DF



1 - A pergunta que mais se faz na cidade é se a deputada distrital Liliane Roriz (PSD) estaria disposta a encampar algum projeto político pensando pelo seu pai, o ex-governador Joaquim Roriz.

2 - O maior desafio para os eputados distritais da base overnista é conseguir nomear algum aliado para o GDF.

3 - O secretário de Habitação, Geraldo Magela, não retende disputar no PT o posto de candidato à sucessão de Agnelo Queiroz. Aliados dizem que ele dese- ser visto como a "melhor ção" para 2014.

4 - O deputado federal Reffe (PDT) vai desistir da car- ra política ou disputará uma ga para o Senado em 2014?

5 - Dizem que o deputa- federal Paulo Tadeu (PT) o quer a vaga do Tribunal Contas do DF. Quem ofe-

tar o Senado em 2014. Só está esperando o sinal da coligação PMDB e PT. O distrital Chico Leite (PT) também quer a vaga.

7 - Apesar de ter sido esquecido pelo governo de Agnelo Queiroz, o delegado Miguel Lucena vem fazendo um bom trabalho na Delegacia do Paranoá.

8 - Depois dos últimos movimentos do secretário da Casa Civil, Swedenberger Barbosa, o comentário no Pa- lácio do Buriti é o de que o ex super-secretário Paulo Tadeu ainda é "um amador".

9 - A exoneração da coor- denadora de Comunicação da Câmara Legislativa do DF, Anna Karolina Bezerra, aconteceu, conforme noti- cias, a pedido. Mas o pedido não foi dela, mas do deputa- do Aylton Gomes (PR). Será?

10 - As emendas das depu- tadas da oposição Celina Leão

pelo GDF.

11 - Apesar de também ser da oposição, as emendas da deputada distrital Lilia- ne Roriz (PSD) estão sendo executadas pelo GDF.

12 - Inimigos do secretá- rio extraordinário da Copa do Mundo de 2014, Cláudio Monteiro, estão divulgando que ele deseja sentar na ca- deira do secretário de Gover- no do GDF. O suposto desejo de Monteiro estaria atrasan- do a reforma do governador Agnelo Queiroz.

13 - Um perigoso lobista tem pressionado pessoas li- gadas ao GDF para obter o controle da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Pare- ce até que esta secretaria produz ouro em pó.

14 - Alguém já viu pessoas brigarem pela direção da Pa- puda?

15 - Muita gente intriga- do com o silêncio do vice- governador do DF, Tadeu Filippelli, principalmente depois da demissão do se- cretário da Fazenda, Mar- celo Piancastelli.

16 - O empresário Luiz Es- tevão diz que a sua prioridade não é mais a política. Só que é difícil acreditar que ele não irá participar - em off - de alguma candidatura ao GDF nas eleições de 2014.

17 - Alguns jornalistas dizem que a saída da co- ordenadora de Comunica- ção da Câmara Legislativa, Anna Karolina, pode aju- dar a melhorar a relação do presidente Patrício com os blogs, os únicos veículos de comunicação

18 - O "protetor" do diretor do Detran, José Alves Bezerra, é o deputado federal Paulo Tadeu (PT). O parlamentar já teria dito em algumas rodas que nem o governador do DF, Agnelo Queiroz, tira Bezerra do cargo. Então quem tira? Parece que a missão de tirar o diretor ficará a cargo do Divi- no Espírito Santo.

19 - As férias do suplente Siqueira Campos (PSC) na Câmara Legislativa devem durar mais que o previsto inicialmente. O deputado Wellington Luiz (PPL) não volta antes de dezembro para o GDF, considerada a

melhor das hipóteses.

20 - A pretensão de reelei- ção do deputado Patrício (PT) à presidência da Câmara Le- gislativa está sendo chamada de "Projeto Cururu". Quanto mais o governo joga sal, mais ela cresce.

21 - A ex-ministra Mari- na Silva, anunciada como candidata ao GDF em 2014, já tem um projeto: rever todas as autorizações am- bientais dadas para em- prendimentos na cidade a partir de 2009. Incluem-se aí Noroeste, Cidade Digital, VLT, VLB...

## TEXTO 2

**Eleições  
municipais 2012**

# Dilma confirmada no palanque paulistano

PAULO DE TARSO LYRA  
JULIANA BRAGA

A presidente Dilma Rousseff resistiu até o último momento, mas decidiu participar de um ato público de campanha ao lado do candidato do PT à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad. Será na segunda, em um comício em Guayanazes, Zona Leste. Como sonha a campanha petista, o evento ocorrerá na periferia, próximo a Itaquera, onde está sendo construído o estádio do Corinthians. Segundo especialistas em eleições, "mais povo, impossível".

A confirmação veio no fim da tarde de ontem. Pessoas próximas à presidente já haviam feito uma consulta na quinta-feira para saber qual seria a agenda da campanha no sábado. Foram informados de dois comícios — um em São Miguel Paulista e outro em Cidade Tiradentes, todos na Zona Leste. Lula estará em ambos, mas Dilma não se entusiasma.

A decisão de participar do comício na segunda-feira foi reforçada pela presença, já confirmada, da presidente em uma cerimônia de entrega de prêmios da revista *Carta Capital*. O comício será antes da festa, já que, em seguida, a presidente embarcará para Lima, no Peru, onde participará da Cúpula da América do Sul — Países Árabes. O comício de segunda tornou-se a última recha encontrada na agenda da presidente para que ela pudesse participar da campanha de Haddad. Depois do Peru, ela terá um evento do Brasil Carinhoso no Palácio do Planalto na quarta e, a partir de sexta, não são mais permitidos eventos de rua.

Ao longo das últimas semanas, Dilma começou a amadurecer a ideia, mas resistia a subir no palanque. Gravou diversas mensagens para o candidato do PT à prefeitura paulistana, mas ainda postergando a presença física, deixando a tarefa para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. **PT** e **PT** convenciam-na da importância do apoio in loco para dar a arrancada final que garante a presença do petista no segundo turno das eleições paulistas.

Mesmo sem subir nos palanques, a presidente não pode ser acusada de omissão nas eleições paulistas. Ela foi essencial para convencer a então senadora Marta Suplicy (PT-SP) a aderir à campanha em São Paulo. Para premiá-la, demitiu a ministra da Cultura, Ana de Hollanda e colocou a petista no lugar. Ontem, após o encontro de Dilma com o primeiro-ministro do Reino Unido, David Cameron, Marta não

Ao lado de Lula, presidente participou de comício na segunda-feira, na Zona Leste de São Paulo. Presença reforça a campanha de Fernando Haddad, que luta para chegar ao segundo turno da corrida pela prefeitura

Sollan Rodrigues/CP/DA Press - 14/9/11



Fernando Haddad e Dilma Rousseff: a presidente levou Marta Suplicy para o Ministério da Cultura com o intuito de fortalecer a campanha em São Paulo

## "Bicho predador"

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem, durante comício em Campinas (SP), que "o tucano é um bicho político predador". Ele se referia ao PSDB, partido que sempre perdeu para a esquerda no município. Lula estava ao lado de Márcio Pochmann, candidato que o ex-presidente apadrinhou. "A cidade sempre votou em pessoas da esquerda", acrescentou Lula, lembrando das vitórias expressivas alcançadas por ele e pela presidente Dilma Rousseff no município paulista nas eleições presidenciais.

quis adiantar se a chefe viajaria para São Paulo. Mas confirmou a presença dela própria.

Outro que está animado para ajudar Haddad é o ministro da Educação, Aloizio Mercadante. "Eu vou amassar bastante barro lá", brincou. "Tem comício, tem uma agenda bem intensa de mobilização. Nessa reta final, vou me dedicar intensamente à

campanha. Tem comício com o Lula também na Zona Leste. Eu não tenho de cabeça, mas é bastante coisa. O pessoal está bem animado", disse o ministro.

O vice-presidente Michel Temer (PMDB) também estará na capital paulista neste fim de semana, para uma caminhada ao lado do candidato do partido à prefeitura de São Paulo, Gabriel Chalita. Será no bairro do Brás, região central. Na mais recente pesquisa Datafolha, divulgada na quinta-feira, Chalita manteve a quarta colocação, com 9% das intenções de voto.

O premeditista ainda acha possível o milagre da virada para figurar entre os dois candidatos que disputarão o segundo turno. Antes do início da campanha eleitoral, Chalita era visto por muitos analistas políticos como uma possível terceira via diante da tradicional polarização entre PT e PSDB que marcou as últimas disputas eleitorais em São Paulo. Mas enfrentou dificuldades enormes com a falta de capitalidade do PMDB na capital — o partido era forte no interior, principalmente nos tempos em que o

ex-presidente da legenda, Orestes Quéricia, era vivo.

## Comparação

Depois de decidir que atacaria Fernando Haddad para forçar um segundo turno com José Serra e atrair o apoio da presidente Dilma Rousseff, Celso Russomanno resolveu, agora, se comparar a Lula. A propaganda, que será apresentada no horário eleitoral, já está pronta e servirá como uma resposta a Haddad, que tem questionado a pouca experiência administrativa do candidato do PRB.

No comercial, Russomanno lembrará que Lula também não tinha nenhuma experiência no Executivo antes de assumir a Presidência da República. O candidato do PRB ainda quer constranger Haddad, questionando como o afiliado do presidente pode exigir bagagem administrativa de um rival.

Interlocutores do partido de Russomanno ainda questionaram a presença de Dilma no palanque de Haddad. Eles defendiam a neutralidade da presidente.

## BOCA DE URNA

Veja o resultado da última pesquisa Datafolha

**30%**

é o percentual de Celso Russomanno

**22%**

dos eleitores declararam votar em José Serra

**18%**

é o índice de Fernando Haddad, que subiu três pontos em relação ao levantamento anterior

Análise da notícia

## Apoio exclusivo

A presidente Dilma Rousseff demorou a participar presencialmente de um comício nas eleições municipais deste ano. Ao decidir fazê-lo na última segunda-feira antes do primeiro turno das eleições, ela definiu que sua presença só acontecerá na disputa pela prefeitura de São Paulo, considerada estratégica para os planos do PT.

Diversas capitais esperavam, ansiosamente, a presença da presidente. Ela prometera ao presidente nacional do PCdoB, Renato Rabelo, que iria a Manaus para abraçar em um palanque a senadora Vanessa Grazziotin, que concorre com o tucano Arthur Virgílio. Não foi.

Poderia ter aparecido em Belo Horizonte, capital da qual ela participou ativamente da construção da chapa que tem Patrus Ananias como candidato a prefeito pelo PT e o PMDB na vaga de vice. A dobradinha aconteceu após o rompimento entre os petistas e o PSB do atual prefeito, Márcio Lacerda.

Dilma, pessoalmente, convenceu o vice-presidente Michel Temer a retornar a candidatura de Leonardo Quintão (PMDB). Patrus até passou dos 30% de intenção de voto para prefeito, mas ainda é pouco para impedir a reeleição de Lacerda já no primeiro turno.

A presidente escalou um grupo de ministros próximos para dar-lhes um mapa detalhado e atualizado da evolução das candidaturas dos aliados nas diversas capitais brasileiras. Evitou envolver-se nas disputas nas cidades onde mais de um candidato da base do governo disputa a preferência do eleitorado. São Paulo tornou-se exceção, para citá-lo de Celso Russomanno (PRB) e de Gabriel Chalita (PMDB), (PTL).

## TEXTO 3

## PROGRAMA MENOR APRENDIZ VAI SE TORNAR REALIDADE

No final de agosto, o deputado Agaciel Maia anunciou que o governador Agnelo Queiroz assumiu o compromisso de regulamentar o Programa Menor Aprendiz, que dará oportunidade a jovens na faixa etária de 16 a 18 anos no mercado de trabalho. "Eles vão poder estudar em um turno e trabalhar no turno inverso. É um programa inédito. O decreto será publicado nos próximos dias", disse, da Tribuna da Câmara.

Os jovens aprendizes terão oportunidades de estagiarem na CEB, Caesb, Metrô, Terracap, SAB, Emater, BRB, Novacap. "O custo de investimento com jovens é bem menor que o custo para sustentar um preso. Além do mais, estaremos dando dignidade para muitas pessoas, que terão oportunidade de aprender uma profissão e ingressarem no mercado de trabalho", disse o deputado Agaciel.

## TEXTO 4

Artigo

por THIAGO BOTTINO

## Lições do mensalão para a reforma penal

**D**urante o mais importante julgamento criminal do STF dos últimos anos, a população acompanha com avidez as notícias sobre o caso. Luzes são lançadas sobre o comportamento dos advogados, sobre os votos dos ministros e sobre as condutas dos acusados. No meio jurídico, as divergências sobre a caracterização do crime de corrupção dominam as discussões. De um lado, a acusação aponta que os pagamentos eram feitos para determinar como os deputados votariam. Já as defesas afirmam que são pagamentos de dívidas de campanha, feitas por um partido aliado, o que caracteriza uma infração menor: o caixa dois eleitoral.

Mas o que é o caixa dois? Não é um crime

previsto na legislação eleitoral, mas uma mera infração que não tem efeitos penais e não torna o político que o pratica um ficha suja. Fácil entender por que alguns réus confessam esse "crime": não terão nenhuma pena.

O julgamento do mensalão deve iluminar também o debate sobre práticas de campanha, sobre vícios na representação partidária e sobre a promiscuidade das doações não contabilizadas. Dinheiros desconhecidos que alimentam campanhas políticas geram distorções na representação democrática. Como aceitar que essa prática não seja criminosa? Neste ano, milhares de candidatos a vereador e a prefeito arrecadarão contribuições que deveriam ser declaradas e não serão, sem que a Justiça possa punir criminalmente aqueles que

violarem o dever de transparência no financiamento das campanhas.

Independentemente da sorte dos seus 38 acusados, o processo do mensalão trouxe para a discussão pública um tema tão relevante quanto a exigência de ficha limpa: a transformação das práticas políticas brasileiras, a repressão de comportamentos que viciam e deturpam o processo democrático.

Tramita no Senado um projeto de novo Código Penal que não trata de crimes eleitorais. É uma boa oportunidade para que esse projeto seja alterado, incorporando regras que protejam uma democracia ética e preservem a verdadeira função de representação política.

Com a palavra, os senadores da República.

Thiago Bottino é coordenador da graduação em direito e professor de direito penal da Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro

## TEXTO 5

**ISAAC** Já como um furacão, fenômeno atinge a costa com ventos de 120 km/h

# EUA se preparam para chegada de furacão

**Convenção do Partido Republicano ocorrerá em Tampa, apesar dos riscos; Mitt Romney comparecerá**

## DA REDAÇÃO

redacao@destakjornal.com.br

Com a chegada do furacão Isaac à costa americana, a população se prepara para enfrentar as fortes chuvas e amenizar seus efeitos, evitando estragos e prejuízos.

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, fez um alerta aos moradores da região do golfo do México sobre possíveis al-



radores deixem suas casas se as autoridades competentes requisitarem.

“Esse não é o momento de tentar a sorte, agora não é a hora de ignorar os alertas oficiais. Vocês precisam levar isso a sério”, disse Obama antes de embarcar para eventos de campanha.

O presidente criticou a lentidão e a falta de empenho na resposta do ex-presidente George W. Bush ao desastre provocado pelo Katrina em agosto de 2005.

A população dos Estados que preveem a chegada do Isaac já organizam abrigos comunitários e a saída de áreas de risco e constroem barricadas.

## Convenção Republicana

A convenção do Partido Republicano, em Tampa (Flórida) não foi cancelada, apesar do medo de o furacão impedir sua realização.

O candidato do partido, Mitt Romney chegou ontem à cidade e participará do

## TEXTO 6

## A novela de todas as salas

» CAROLINE MARIA  
» YALE GONTUJO

Às vésperas da estreia no tablado, luz desafiada e cenário incompleto, o diretor teatral Hugo Rodas encontra tempo para questionar as horas. Alguém do elenco responde "nove e dez da noite!", para a tréplica imediata do uruguaio. "O que estará fazendo Carminha agora?" Neste momento, essa é a pergunta de 38 milhões de brasileiros, segundo a Rede Globo, número de espectadores diários que assistem *Avenida Brasil*, e hoje aguardam o último capítulo da novela que invade as salas do Divino à Zona Sul.

O arrastão cultural recrutou também noveleiros da cidade, atraídos pela ingenuidade de Tufo (Murilo Benício), a artilhosidade de Carminha (Adriana Esteves) e a vingança de Nina (Débora Falabella). Com o mesmo efeito, o público se afeiçoou à espontaneidade de Suelen (Isis Valverde), aos braços nus de Leleco (Marcos Caruso) e à ingenuidade de Adauto, interpretado pelo brasileiro Juliano Cazarré. Talvez esta seja a primeira vez em que o nome das personagens chegue antes das estrelas globais, o que dá poder ao público e o posiciona igualmente como protagonista.

A horizontalidade do elenco, sem figuras que se

isolam em importância ou popularidade, refletiu na conquista dos espectadores. "Antes chegava em casa e entrava direto no computador. Agora, só depois da novela", declara a estudante Marília Naomi, 21 anos. Quando perde alguma cena, resgata-a na internet, plataforma em que *Avenida Brasil* atingiu sucesso colossal, chegando a mais de 400 mil curtidas na página do Facebook, nove trending topics simultâneos no Twitter e picos de audiência que se distanciavam em até 45 pontos em relação às emissoras concorrentes.

Naomi e os amigos se reuniram dezenas de vezes na Asa Norte para sentar no sofá e assistir à trama. "Parei de malhar à noite por causa da novela", confessa Luísa Coelho. "Só saio de casa depois que termina", concorda Juliana Beal. "A agenda social precisou mudar", reforça Fernanda D'Abreu. "Somos comentaristas, mais até do que espectadores", completa Paulo Henrique.

Para o motorista Gilson Pereira, morador de Santa Maria, o horário de transmissão do folhetim é também o momento de reunião familiar. O grupo, formado pela esposa Maria Aparecida, os filhos Cleber

e Jefferson, as noras Vera Lúcia e Ivonete (além de mais quatro netos no elenco) adiantam as tarefas o mais rápido possível para estar a postos diante da televisão. "A novela virou o momento em que conse-

guimos reunir toda a família, nem na hora das refeições é assim. Nós fazemos tudo o que temos de fazer antes da novela", reconhece Pereira. O motorista se identifica com os maus modos do catador de lixo, Nilo (José de Abreu) e com a doçura de Adauto. "Acabou essa história de que homem não vê novela, aqui em casa eu sou o que mais gosta", admite com orgulho.

A influência de *Avenida* extrapola os lares dos brasileiros e alcança altos escalões do poder. Para não competir com a novela, os comícios com a presença da presidente Dilma Rousseff foram antecipados para as 19h.

Segundo a autora do livro *Brasil antenado: a sociedade da novela*, Esther Hamburger, a trajetória de superação dos personagens folhetinescos criaram a empatia necessária para atrair público de todas as fatias sociais. "*Avenida* se destaca por ter atraído o público considerado de classe AB que havia nos últimos anos abandonado

o gênero e os canais da tevê aberta. Mesmo assim vale lembrar que essa novela não se apoia no chamado 'merchandising social'. A dramaturgia e os elementos que lhe dão vida, como elenco, figurin e cenários — nesse caso, também o trabalho de fotografia e edição — alinhavados por uma boa direção são essenciais", enumera a especialista.

*Avenida Brasil* foi fiel à jornada de vingança com direito a pitadas de vilania em todos os mocinhos, sem escassez de desgraças e grandes revelações. O resultado é uma ferramenta crítica na mão do autor João Emanuel Carneiro, que colocou na boca de Carminha o pensamento reprimido do público: "Pega uma sacolinha de plástico, Max. Sobre sempre carrega uma sacolinha" ou "Eu mandei você jogar a Rita no lixo e ela voltou como Nina." Essa porcaria de reciclagem" e até mesmo "Um bando de baiucas encaalhadas que nem a Ágata", referindo-se à própria filha.

Ao se converter em crônica social, sem pudor e meias palavras, *Avenida* oferece uma fotografia do país. Vista por outro ângulo, mostra mais um jogador de futebol transformado na imagem de um povo. Tufo emite para o Brasil que não importa se o Divino continuará nas graças da Zona Sul após a novela, mas que sem dúvidas sai de lá maior do que entrou. É o Divino dizendo "oi" e ouvindo os ecos do seu recado.



Gilson Pereira: "Homem também vê novela"

Daniel Ferreira/CFR/D.A. Press

## TEXTO 7

# Piscinas de centros olímpicos paradas

▶ Alunos estão sem aulas de natação há cinco meses ▶ Não há limpeza dos equipamentos desde que o Tribunal de Contas do DF suspendeu contrato

Os nove centros olímpicos do Distrito Federal estão há cinco meses sem oferecer aulas de natação às crianças e aos adolescentes que frequentam os locais. Desde o fim do acordo com a empresa de limpeza, 28 piscinas estão interditadas, porque o TCDF (Tribunal de Contas do DF) suspendeu o novo edital por problemas de contrato.

A estudante Bianca da Rocha, 14, faz aulas de basquete há dois meses, mas tem vontade mesmo é de ir para a água. "Eu gosto de nadar. Assim que abrirem as piscinas quero me matricular na natação", diz.

Assim como Bianca, João Filipe da Chaves, 12, frequenta o Centro Olímpico do Gama, ao lado do estádio Bezerrão. João, que joga fu-



▶ Além do Gama, os centros olímpicos de Ceilândia, Santa Maria e mais 5 regiões estão fechados

RICARDO MARQUES / METRO BRASÍLIA

*Oracão*  
têbol, conta que o irmão Victor, 15, passou a jogar bola desde que não conseguiu se matricular na natação.

Os netos da aposentada Ieda Oliva, 60, também queriam fazer aulas de natação. "É um esporte bom, que ajuda no desenvolvimento físico das crianças", explica a avó. O neto Luan, 12, foi

para o vôlei, mas as meninas Ludmila, 7, e Luiza, 6, não escolheram outra atividade. "Resolvi esperar para colocar as meninas, porque avisaram que as piscinas estavam passando por reformas", diz.

## Acordo emergencial

Na verdade, sem contrato de limpeza, os centros aquá-

uticos tiveram que ser fechados pela falta de manutenção. De acordo com o TCDF o edital foi suspenso devido a 'incoerências'. A necessidade de funcionários disponíveis diariamente para limpezas que só acontecem duas vezes na semana e a dispensa de uma empresa que apresentou valores abaixo das duas selecionadas foram alguns dos questionamentos feitos pelo tribunal.

## TEXTO 8

**Eleições**  
municipais 2012

# Dilma confirmada no palanque paulistano

PAULO DE TARSO LYRA  
JULIANA BRAGA

A presidente Dilma Rousseff resistiu até o último momento, mas decidiu participar de um ato público de campanha ao lado do candidato do PT à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad. Será na segunda, em um comício em Guayanaes, Zona Leste. Como sonho a campanha paulista, o evento ocorrerá na periferia, próximo a Itaquera, onde está sendo construído o estádio do Corinthians. Segundo especialistas em eleitorado, "mais povão, impossível".

A confirmação veio no fim da tarde de ontem. Pessoas próximas à presidente já haviam feito uma consulta na quinta-feira para saber qual seria a agenda da campanha no sábado. Foram informados de dois comícios — um em São Miguel Paulista e outro em Cidade Tiradentes, ambos na Zona Leste. Lula estará em ambos, mas Dilma não se entusiasma.

A decisão de participar do comício na segunda-feira foi reforçada pela presença, já confirmada, da presidente em uma cerimônia de entrega de prêmios da revista *Carla Capital*. O comício será antes da festa, já que, em seguida, a presidente embarcará para Lima, no Peru, onde participará da Cúpula da América do Sul — Países Árabes. O comício de segunda tornou-se a última escolha encontrada na agenda da presidente para que ela pudesse participar da campanha de Haddad. Depois do Peru, ela terá um evento do Brasil Carinhoso no salão do Planalto na quarta e, a partir de sexta, não são mais permitidos eventos de rua.

Ao longo das últimas semanas, Dilma começou a amadurecer a ideia, mas resistia a subir no palanque. Gravou diversas mensagens para o candidato do PT à prefeitura paulistana, mas tinha postergando a presença física, deixando a tarefa para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula e o PT convenceram-na da importância do apoio in loco para dar a arrancada final que garante a presença do veterão no segundo turno das eleições paulistanas.

Mesmo sem subir nos palanques, a presidente não pode ser acusada de omissão nas eleições municipais. Ela foi essencial para onerar e então senadora Marta Suplicy (PT-SP) a aderir à campanha em São Paulo. Para prendê-la, demitiu a ministra da Cultura, Ana de Hollanda e colocou a petista no lugar. Ontem, após o encontro de Dilma com o primeiro-ministro do Reino Unido, David Cameron, Marta não

ao lado de Lula, presidente participou de comício na segunda-feira, na Zona Leste de São Paulo. Presença reforça a campanha de Fernando Haddad, que luta para chegar ao segundo turno da corrida pela prefeitura.

Silvian Rodrigues/CP/DA Press - 14/5/11



Fernando Haddad e Dilma Rousseff: a presidente levou Marta Suplicy para o Ministério da Cultura com o intuito de fortalecer a campanha em São Paulo

## "Bicho predador"

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem, durante comício em Campinas (SP), que "o tucano é um bicho político predador". Ele se referia ao PSDB, partido que sempre perdeu para a esquerda no município. Lula estava ao lado de Márcio Pochimann, candidato que o ex-presidente apoiou. "A cidade sempre votou em pessoas da esquerda", acrescentou Lula, lembrando das votações expressivas alcançadas por ele e pela presidente Dilma Rousseff no município paulista nas eleições presidenciais.

quis adiantar se a chefe viajaria para São Paulo. Mas confirmou a presença dela própria. Outro que está animado para ajudar Haddad é o ministro da Educação, Aloizio Mercadante. "Eu vou amassar bastante barro lá", brincou. "Tem comício, tem uma agenda bem intensa de mobilização. Nessa reta final, vou me dedicar intensamente à

campanha. Tem comício com o Lula também na Zona Leste. Eu não tenho de cabeça, mas é bastante coisa. O pessoal está bem animado", disse o ministro.

O vice-presidente Michel Temer (PMDB) também estará na capital paulista neste fim de semana, para uma caminhada ao lado do candidato do partido à prefeitura de São Paulo, Gabriel Chalita. Será no bairro do Brás, região central. Na mais recente pesquisa Datafolha, divulgada na quinta-feira, Chalita manteve a quarta colocação, com 9% das intenções de voto.

O peemedebista ainda acha possível o milagre da virada para figurar entre os dois candidatos que disputarão o segundo turno. Antes do início da campanha eleitoral, Chalita era visto por muitos analistas políticos como uma possível terceira via diante da tradicional polarização entre PT e PSDB que marcou as últimas disputas eleitorais em São Paulo. Mas enfrentou dificuldades enormes com a falta de capitalidade do PMDB na capital — o partido era forte no interior, principalmente nos tempos em que o

ex-presidente da legenda, Orestes Quércia, era vivo.

## Comparação

Depois de decidir que atacaria Fernando Haddad para forçar um segundo turno com José Serra e sair o apoio da presidente Dilma Rousseff, Celso Russomanno resolveu, agora, se comparar a Lula. A propaganda, que será apresentada no horário eleitoral, já está pronta e servirá como uma resposta a Haddad, que tem questionado a pouca experiência administrativa do candidato do PRB.

No comercial, Russomanno lembrará que Lula também não tinha nenhuma experiência no Executivo antes de assumir a Presidência da República. O candidato do PRB ainda quer constatar Haddad, questionando como o afilhado do presidente pode exigir bagagem administrativa de um rival.

Interlocutores do partido de Russomanno ainda questionaram a presença de Dilma no palanque de Haddad. Eles defendem a neutralidade da presidente.

➤ Análise da notícia

## Apoio exclusivo

A presidente Dilma Rousseff demorou a participar presencialmente de um comício nas eleições municipais deste ano. Ao decidir fazê-lo na última segunda-feira antes do primeiro turno das eleições, ela definiu que sua presença só aconteceria se disputada pela prefeitura de São Paulo, considerada estratégica para os planos do PT na cidade.

Diversas capitais esperavam ansiosamente a presença da presidente. Ela prometera ao presidente nacional do PCdoB Renato Rabelo, que iria a Manaus para abraçar em um palanque a senadora Vanessa Grazziotin, que concorre com o tucano Arthur Virgílio. Não foi.

Poderia ter aparecido em Belo Horizonte, capital da qual ela participou ativamente da construção de chapa que tem Patrícia Ananias como candidata a prefeito pelo PT e o PMDB na vaga de vice. A dobradinha aconteceu após o rompimento entre as petistas e o PSB do atual prefeito, Marcio Lacerda.

Dilma, pessoalmente, convenceu o vice-presidente Michel Temer a retirar a candidatura de Leonardo Quintão (PMDB). Patrús até passou dos 30% de intenção de voto para prefeito, mas ainda é pouco para impedir a reeleição de Lacerda já no primeiro turno.

A presidente escalou um grupo de ministros próximos para dar-lhes um mapa detalhado e atualizado da evolução das candidaturas dos aliados nas diversas capitais brasileiras. Então envolver-se nas disputas nas cidades onde mais de um candidato da base do governo disputa a preferência do eleitorado. São Paulo tornou-se exceção, para cima de Celso Russomanno (PRB) e de Gabriel Chalita (PMDB). (PTL)

## BOCA DE URNA

Veja o resultado da última pesquisa Datafolha

**30%**  
é o percentual de Celso Russomanno

**22%**  
dos eleitores declararam votar em José Serra

**18%**  
é o índice de Fernando Haddad, que subiu três pontos em relação ao levantamento anterior

## TEXTO 9



## Comunicado Público

A caravana Lippe Viana vem a público informar a todos, que os nossos eventos estarão suspensos por tempo indeterminado por motivo de estarmos sofrendo retaliações e perseguições por parte da Administradora Regional de São Sebastião, onde a qual deveria estar preocupada com mau atendimento que ela presta a nossa comunidade e não se dar o luxo de perse-

guir uma pessoa que sempre procurou contribuir com o crescimento e desenvolvimento da cidade de São Sebastião, fica aqui a nossa lamentável indignação, mas na esperança que dias melhores virão, porque se Deus é por nós quem será contra nós?



## TEXTO 10

## Mesmo doente, Jefferson on-line

» PAULO DE TARSO LYRA

Um dia depois de ter diagnosticado um câncer maligno em fase inicial no pâncreas, um dos principais réus do mensalão, o ex-deputado Roberto Jefferson (PTB), mostrou em sua conta no Twitter que está realmente com as atenções voltadas para o julgamento iniciado ontem no Supremo Tribunal Federal. "Será a oportunidade do STF (Supremo Tribunal Federal) mostrar que tem liberdade, independência, e principalmente, coragem", afirmou, no microblog.

Jefferson, que havia levado "um pito" dos médicos por causa da ansiedade em relação ao julgamento, foi liberado pela equipe do Hospital Samaritano, no Rio, para acompanhar o julgamento. "O pós-operatório dele está sendo muito bom. Hoje (ontem), ele fez uma tomografia e está tudo bem. Ele está bem-humorado, otimista. Por isso, o autorizamos a acompanhar a situação dele no julgamento do mensalão", disse o cirurgião José de Ribamar Saboia de Azevedo, um dos responsáveis pela operação no presidente nacional do PTB.

O médico contou ainda que o ex-deputado sorriu ao assistir uma reportagem sobre o mensalão na última terça-feira. "Ele já está andando nos corredores e se alimenta pela boca. Semana que vem, ele pode ir a Brasília se quiser", disse Ribamar. Jefferson deve ter alta no domingo e começará a fazer o tratamento quimioterápico entre quatro e seis semanas após a cirurgia, realizada no sábado 28, já que as sessões só poderão acontecer após a cicatrização dos tecidos afetados com o procedimento de retirada do tumor.

De acordo com o oncologista Daniel Tabak, o tratamento deverá provocar poucos

Gustavo Stephan/Agência Globo



Equipe médica que operou o ex-deputado Roberto Jefferson o liberou para acompanhar o processo

“  
SERÁ UM MÊS  
LONGO, DE  
EXALTAÇÃO OU  
VELÓRIO DA  
DEMOCRACIA”

Roberto Jefferson,  
pelo Twitter

efeitos colaterais em Jefferson. "Vamos utilizar uma droga quimioterápica, mas não haverá queda de cabelo nem qualquer limitação física porque ela é a menos tóxica possível. Não vai impedir suas atividades", destacou Tabak, que informou também que o tratamento não causa náuseas.

Segundo o médico, Jefferson não terá qualquer proibição nem de realizar viagens, entretanto, os médicos não aconselham movimentações durante o tratamento e a recuperação. Azevedo lembrou que o petebista fez uma cirurgia para redução do estômago há 12 anos, mas não afetaria nada. O único risco é a diabetes. Mas Jefferson está, de fato, antenado com o que acontece no plenário da principal Corte do país. "Será um mês longo, de exaltação ou velório da democracia", afirmou ele, no Twitter.